

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

SWUELLEN EDUARDA PORTELA COSTA

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E RELAÇÕES AFETIVAS NA VIDA ADULTA: uma
análise do livro Normal People

São Luís
2025

SWUELLEN EDUARDA PORTELA COSTA

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E RELAÇÕES AFETIVAS NA VIDA ADULTA: uma
análise do livro Normal People

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário Unidade
de Ensino Superior Dom Bosco como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Lília Ferreira da Luz.

São Luís

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Costa, Swuellen Eduarda Portela

Violência intrafamiliar e relações afetivas na vida adulta: uma análise do livro Normal People. / Swuellen Eduarda Portela Costa. ____
São Luís, 2025.
63 f.

Orientador: Profa. Lília Ferreira da Luz.
Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia –
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco –
UNDB, 2025.

1. Violência intrafamiliar. 2. Relações afetivas. 3. Desenvolvimento humano. 4. Resiliência. 5. Literatura. I. Título.

CDU 343.541-053.8

SWUELLEN EDUARDA PORTELA COSTA

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E RELAÇÕES AFETIVAS NA VIDA ADULTA: uma
análise do livro Normal People

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 18/06/2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Lília Ferreira da Luz (Orientador)

Mestranda em Cultura e Sociedade - PGCULT

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva

Mestre em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Valéria Maria Lima Cardoso

Mestre em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Para a minha mãe que sempre
fez tudo por mim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar expressando minha profunda gratidão às mulheres incríveis que me ensinaram, inspiraram e serviram de exemplo ao longo de toda a minha vida. Em especial, à minha mãe, Rosangela Maria, que com sua força, amor incondicional e dedicação criou três filhas, sempre nos cercando do maior cuidado e carinho que alguém poderia oferecer. Às minhas irmãs, Jessica Thamyllys e Anna Luyza, que são, sem dúvida, as melhores irmãs mais velhas que eu poderia ter; o apoio constante e os conselhos de vocês sempre me fortaleceram e me guiaram.

Agradeço também ao meu pai, Arieldes Cabral Costa, que, mesmo em meio aos nossos conflitos, sempre esteve presente, me ensinando tantas coisas importantes para a vida. Ao meu querido sobrinho, Benjamim Noah, que é, sem dúvida, o meu maior presente e a pessoa que eu mais amo neste mundo.

À minha avó paterna, Maria do Socorro, agradeço de coração por ter me dado suporte nos momentos em que mais precisei, sempre com acolhimento e sabedoria. À minha prima, Camila Ruhana, que não apenas me ajudou a conquistar minha bolsa de estudos, mas também me abraçou quando chorei, achando que não seria capaz — sua presença e apoio foram essenciais para que eu não desistisse.

Ao meu avô materno, carinhosamente conhecido como Noel, a quem dedico uma parte imensa do meu coração. Obrigada por ter sido o melhor avô que eu poderia ter, por sempre acreditar em mim, por dizer, com tanta convicção, que eu conseguiria realizar tudo o que desejasse. Mesmo que hoje você não esteja mais aqui fisicamente, sei que sua presença me acompanha, e seu amor e ensinamentos estarão para sempre comigo.

Aos meus amigos de alma, Emanuely Falcão e Yuri Araujo, que são verdadeiros pilares na minha vida desde os tempos da escola. Obrigada por me ouvirem, acolherem meus desabafos, suportarem meus longos áudios e, acima de tudo, por sempre me fazerem sorrir. Apesar da correria e das mudanças que a vida impõe, vocês permanecem presentes e indispensáveis na minha trajetória.

À Rafaela Cândida, minha eterna parceira de jornada, desde o primeiro período até aqui. Sua força, apoio e cumplicidade foram fundamentais em cada etapa desta graduação e também nos desafios da vida. Ao Vicente Neto, que surgiu na minha vida como um furacão e, surpreendentemente, permaneceu como uma âncora firme nos momentos mais difíceis, oferecendo conforto e segurança quando eu mais precisava.

Ao corpo docente do curso de Psicologia da UNDB, meu sincero agradecimento, pois cada um de vocês foi essencial e indispensável para a minha formação, não apenas enquanto futura profissional, mas também como ser humano. Suas aulas, orientações, exemplos e, sobretudo, a dedicação de cada professor marcaram profundamente a minha trajetória, deixando ensinamentos que levarei comigo por toda a vida.

Aos meus amigos de sala, que talvez não tenham sido citados nominalmente, mas que, com certeza, fizeram parte deste processo de crescimento, aprendizado e superação: obrigada por cada troca, cada momento de apoio, cada risada compartilhada e por terem tornado essa caminhada mais leve, significativa e inesquecível.

E, por fim, à minha orientadora, Lília Ferreira da Luz, que aceitou este desafio de forma inesperada e, com toda a sua generosidade, me ofereceu suporte, orientação e confiança, permitindo que este trabalho fosse realizado e entregue da melhor maneira possível. Sua contribuição foi essencial para que este sonho se tornasse realidade.

A todos vocês, minha eterna e mais sincera gratidão.

“As pessoas podem mudar as outras de verdade.”
(Rooney, 2019, p. 322).

RESUMO

Este trabalho abordou a violência intrafamiliar e suas implicações nas relações afetivas na vida adulta, utilizando como objeto de análise a trajetória da personagem Marianne Sheridan, presente no romance *Normal People*, de Rooney (2019). Como problema de pesquisa tem-se a seguinte pergunta: Quais as implicações das vivências de violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta, à luz da trajetória da personagem Marianne Sheridan em *Normal People*?. O objetivo geral consistiu em compreender as implicações das vivências de violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta, à luz da trajetória da personagem Marianne Sheridan em *Normal People*, enquanto os objetivos específicos buscaram apresentar definições e conceitos sobre a violência intrafamiliar, explorar sua representação na obra literária e discutir as relações afetivas de Marianne a partir das violências experienciadas. A pesquisa utilizou metodologia qualitativa, por meio da análise hermenêutica de trechos selecionados do romance, fundamentando-se em referenciais teóricos sobre desenvolvimento humano, violência intrafamiliar e teorias psicológicas das relações afetivas. Os resultados evidenciaram que as experiências de violência intrafamiliar vividas pela personagem impactaram significativamente sua constituição identitária e os padrões relacionais estabelecidos na vida adulta, caracterizados por comportamentos autodepreciativos e relações afetivas disfuncionais. Constatou-se, entretanto, que vínculos afetivos baseados em acolhimento e respeito possibilitaram processos de superação e resiliência. Concluiu-se que as vivências familiares traumáticas exercem influência profunda nas relações afetivas adultas, mas que, a partir de vínculos saudáveis, é possível ressignificar tais experiências.

Palavras-chave: Violência Intrafamiliar. Relações Afetivas. Desenvolvimento Humano. Resiliência. Literatura.

ABSTRACT

This study addressed intrafamilial violence and its implications for affective relationships in adulthood, using the trajectory of the character Marianne Sheridan, from Rooney's (2019) novel *Normal People*, as the object of analysis. The research problem was defined by the following question: What are the implications of intrafamilial violence experiences for affective relationships in adulthood, in light of the trajectory of the character Marianne Sheridan in *Normal People*? The general objective was to understand the implications of intrafamilial violence experiences for adult affective relationships, based on Marianne Sheridan's story in *Normal People*. The specific objectives were to present definitions and concepts related to intrafamilial violence, explore its representation in the literary work, and discuss Marianne's affective relationships in light of the violence she experienced. The research employed a qualitative methodology, through a hermeneutic analysis of selected excerpts from the novel, grounded in theoretical frameworks on human development, intrafamilial violence, and psychological theories of affective relationships. The results showed that the experiences of intrafamilial violence lived by the character significantly impacted her identity formation and the relational patterns established in adulthood, characterized by self-deprecating behaviors and dysfunctional affective relationships. However, it was found that affective bonds based on care and respect enabled processes of overcoming and resilience. It was concluded that traumatic family experiences have a profound influence on adult affective relationships, but that through healthy bonds, it is possible to reframe such experiences.

Keywords: Intrafamilial Violence. Affective Relationships. Human Development. Resilience. Literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ONU	Organização das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: DEFINIÇÕES E IMPACTOS PSICOLÓGICOS ...	16
2.1 Conceituando Violência Intrafamiliar	16
2.2 Consequências Psicológicas da Violência Intrafamiliar	19
2.3 Formação da Identidade e Construção de Relações afetivas	21
2.3.1 Estratégias de resignificação da identidade e das relações afetivas	24
3 O ROMANCE <i>NORMAL PEOPLE</i> COMO OBJETO DE ANÁLISE	27
3.1 Apresentação da Obra e da Autora	27
3.2 Perfil Psicológico dos Protagonistas: Connell e Marianne	29
3.3 Violência e Dinâmica Familiar no Romance.....	31
3.4 O Impacto da Violência na Relação entre Connell e Marianne.....	33
4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA VIDA ADULTA	37
4.1 Teoria do Apego e suas Implicações nas Relações Românticas	37
4.2 Padrões de Relacionamento em Sobreviventes de Violência Intrafamiliar..	40
4.3 Possibilidades de Superação e Resiliência	43
5 METODOLOGIA	46
5.1 Abordagem da Pesquisa.....	46
5.2 Técnicas de Análise	47
5.3 Limitações da Pesquisa.....	49
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	51
6.1 Reflexões sobre a Violência Intrafamiliar e suas marcas na vida adulta	51
6.2 Como <i>Normal People</i> representa relações afetivas marcadas pelo trauma	52
6.3 Caminhos possíveis para a superação e transformação.....	55
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A violência intrafamiliar é um fenômeno que atravessa gerações e impacta profundamente a formação dos indivíduos, moldando suas relações afetivas na vida adulta. Estudos como o de Bandura (1976) e Bowlby (2002) destacam a importância das interações familiares no desenvolvimento humano e na construção de relações futuras. No entanto, quando essas interações são marcadas por dinâmicas violentas, os impactos podem ser devastadores, refletindo-se em padrões disfuncionais de relacionamento na vida adulta.

Paralelo a isso, a teoria da aprendizagem social, desenvolvida por Bandura (1976), afirma que o desenvolvimento e o funcionamento do ser humano resultam da interação recíproca entre fatores internos (estímulos psicológicos), externos (estímulos sociais) e o comportamento. A aprendizagem ocorre também por meio da experiência vicariante, onde o indivíduo adquire conhecimento observando os outros. Dessa forma, indivíduos expostos à violência intrafamiliar podem internalizar esses comportamentos e reproduzi-los em suas relações futuras (Melo-Dias; Silva, 2019).

Tomando como pressuposto, ao analisar a personagem Marianne Sheridan, no livro *Normal People* de Rooney (2019), percebe-se que experiências de violência, marcadas durante a infância e adolescência no seio familiar, possuem um grande impacto no seu comportamento dentro de relações afetivas. Conforme evidenciado por Pereira *et al.* (2022), ambientes familiares violentos na infância influenciam significativamente a formação do indivíduo, resultando em comportamentos inadequados que podem afetar seu desenvolvimento pessoal e suas escolhas na vida adulta.

Esse estudo se propõe a investigar como a vivência de violência intrafamiliar durante a infância e adolescência influencia as relações afetivas na vida adulta, a partir da análise da trajetória da personagem Marianne Sheridan no romance "Normal People", de Sally Rooney (2019). A narrativa fornece um rico material para compreender as consequências da violência intrafamiliar no comportamento afetivo, ilustrando como experiências traumáticas podem moldar escolhas e comportamentos futuros.

Diante do exposto, a problemática central deste trabalho reside na seguinte questão: Quais as implicações das vivências de violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta, à luz da trajetória da personagem Marianne Sheridan em

Normal People? Essa indagação parte do pressuposto de que as relações interpessoais na vida adulta são, em grande parte, influenciadas pelas experiências familiares vividas durante a formação da identidade (Schoen-Ferreira *et al.*, 2003).

Partindo desse escopo analítico, formulam-se as seguintes hipóteses que orientam esta investigação: (a) a vivência de violência intrafamiliar conduz à reprodução de padrões disfuncionais nas relações afetivas estabelecidas na vida adulta, conforme ilustrado pela trajetória de Marianne Sheridan; e (b) indivíduos que sofreram violência intrafamiliar apresentam maiores dificuldades na constituição de vínculos íntimos saudáveis, o que se reflete nas experiências afetivas e comportamentais da referida personagem.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as implicações das vivências de violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta, à luz da trajetória da personagem Marianne Sheridan em *Normal People*. Os objetivos específicos incluem: (a) apresentar a violência intrafamiliar, definição e conceitos; (b) explorar a representação da violência intrafamiliar na obra "Normal People"; e (c) discutir as relações afetivas de Marianne na vida adulta a partir das violências vividas na infância e adolescência.

A justificativa para este estudo encontra-se na relevância social e acadêmica do tema. Como destacado por Machado *et al.* (2014), a violência intrafamiliar é um problema de saúde pública que afeta significativamente o bem-estar físico e mental das vítimas, com repercussões duradouras nas suas relações interpessoais e afetivas. Ao investigar a trajetória de Marianne Sheridan, este trabalho oferece insights sobre como experiências literárias podem iluminar questões psicológicas e sociais complexas, contribuindo para a formação de profissionais mais preparados para lidar com as consequências da violência intrafamiliar. Ademais, ao abordar a violência a partir de uma perspectiva interdisciplinar, o estudo amplia as possibilidades de intervenção clínica e educacional, fomentando reflexões sobre a importância de romper ciclos de abuso.

A metodologia empregada é de natureza qualitativa, com base na análise hermenêutica de trechos selecionados do romance "Normal People". Esses trechos foram escolhidos por evidenciarem as experiências de violência vividas pela personagem e suas consequências nas relações afetivas. O referencial teórico inclui a teoria do desenvolvimento humano de Bandura (1976) e a Teoria do Apego de

Bowlby (2002), bem como estudos contemporâneos sobre violência intrafamiliar e suas repercussões, como os de Lima *et al.* (2023) e Pereira *et al.* (2022).

O desenvolvimento desse estudo foi dividido em três capítulos, além da introdução, metodologia, resultados e discussão, e considerações finais. Os capítulos foram organizados de forma a proporcionar uma compreensão progressiva e integrada sobre a temática da violência intrafamiliar e suas repercussões nas relações afetivas na vida adulta, tendo como base a trajetória da personagem Marianne Sheridan, no romance *Normal People*.

No Capítulo 1, do desenvolvimento, intitulado “Violência Intrafamiliar: Definições e Impactos Psicológicos”, são apresentados os principais conceitos e definições relativos à violência intrafamiliar, considerando-se sua diversidade de formas e expressões. O capítulo aborda também as consequências psicológicas desse fenômeno, como dificuldades no desenvolvimento emocional, transtornos psiquiátricos e prejuízos nas relações interpessoais, além de discutir a formação da identidade e a construção das relações afetivas a partir dessas vivências traumáticas.

Como seguimento, o Capítulo 2, denominado “O Romance *Normal People* como Objeto de Análise”, apresenta a obra de Rooney (2019) e seu contexto, explorando aspectos da trajetória da autora e dos protagonistas Connell e Marianne. Realiza-se uma análise do perfil psicológico de Marianne, evidenciando como a violência intrafamiliar sofrida impactou a sua autoestima e a maneira como se relaciona afetivamente. Além disso, examina-se o impacto dessas vivências na sua relação com Connell, destacando padrões afetivos disfuncionais, marcados por inseguranças, silêncios e dificuldades de comunicação.

E fechando o desenvolvimento com o Capítulo 3, sob o título “Aspectos Psicológicos das Relações Afetivas na Vida Adulta”, aprofunda a discussão sobre os fundamentos teóricos que sustentam a análise, com destaque para a Teoria do Apego de Bowlby (2002) e suas implicações nas relações românticas. O capítulo ainda explora padrões relacionais típicos em sobreviventes de violência intrafamiliar e discute as possibilidades de superação e desenvolvimento da resiliência, apontando caminhos para a ressignificação de experiências traumáticas.

Dessa maneira, esta pesquisa almeja contribuir para o aprofundamento das reflexões teóricas e práticas acerca das consequências da violência intrafamiliar no desenvolvimento humano, com especial atenção às implicações nas relações afetivas estabelecidas na vida adulta. Por meio da análise da trajetória de Marianne Sheridan,

objetiva-se evidenciar como experiências traumáticas vivenciadas no contexto familiar podem configurar-se como fatores determinantes na constituição de padrões relacionais disfuncionais, bem como destacar a relevância de vínculos afetivos pautados no acolhimento e na reciprocidade para a ressignificação dessas vivências. Assim, este estudo pretende oferecer subsídios que enriqueçam o campo da Psicologia, contribuindo para a formulação de estratégias interventivas mais sensíveis, fundamentadas na compreensão interdisciplinar do fenômeno da violência intrafamiliar e de suas repercussões subjetivas e sociais.

2 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: DEFINIÇÕES E IMPACTOS PSICOLÓGICOS

2.1 Conceituando Violência Intrafamiliar

A presença da violência na vida cotidiana é evidente e assume múltiplas formas, sendo frequentemente naturalizada como uma resposta habitual aos desafios enfrentados. Embora não se limite a provocar desumanização, a violência geralmente compromete a qualidade das relações humanas. Contudo, o termo violência, pode-se conceituar como toda causalidade externa que induz o ser humano a agir de uma determinada maneira. Entende-se como qualquer ato que seja caracterizado por uma causa exterior, ou seja, que transforma o indivíduo em um instrumento para um agente externo, pode ser classificado como um ato violento (Martins; Lacerda Junior, 2014).

Por sua vez, Bezerra (2024) afirma que a violência é como uma dinâmica social caracterizada pelo emprego real ou simbólico da coerção, impedindo o reconhecimento e a valorização do outro, seja enquanto indivíduo, classe, gênero ou raça. Esse fenômeno manifesta-se por meio do uso da força física, psicológica ou estrutural, gerando danos que podem ser de natureza moral, material ou emocional. Ao violar direitos e restringir a liberdade e a dignidade dos indivíduos, a violência se configura como um obstáculo ao desenvolvimento de uma sociedade justa e equitativa, além de se opor diretamente aos princípios fundamentais que regem os ideais democráticos na contemporaneidade. Conforme estabelecido pela ONU (1948), na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em que é garantido o direito à liberdade a todos os indivíduos, sendo expressamente vedada qualquer forma de violência.

Concomitantemente, Narvaz e Koller (2006) complementam atribuindo a violência como um relação de abuso de poder, manifestando-se de diversas maneiras. Sendo, categorizadas em violência doméstica, intrafamiliar e física. Entende-se por violência doméstica atos violentos entre membros do mesmo núcleo familiar, enquanto a violência intrafamiliar abrange ações ou omissões que comprometem o bem-estar e a integridade física, psicológica ou a liberdade de qualquer membro da família, incluindo indivíduos que assumem funções parentais, mesmo sem laços consanguíneos. Por sua vez, a violência física ocorre quando uma pessoa em posição de poder causa ou tenta causar dano não acidental por meio do uso da força física ou de armas, podendo resultar em lesões externas, internas ou ambas. Além disso, considera-se violência a aplicação de castigos não severos de forma reiterada.

Exemplos de atos de violência física incluem tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, estrangulamentos, bem como a imposição de medicamentos inadequados, a remoção forçada do lar, o arrasto, a desnudação e a omissão de cuidados e proteção.

Outrossim, Pineda (2022) define a violência intrafamiliar como sendo todos os casos de abuso de poder cometidos por um ou mais membros da família em relação a outros, estabelecendo uma dinâmica de desigualdade e subordinação dentro do ambiente familiar. O princípio central dessa violência reside na imposição de controle e domínio por parte do agressor, que busca suprimir a autonomia e a liberdade das vítimas, tornando-se elas totalmente dependentes de sua vontade e agressão. Para que o abuso de poder e a submissão sejam reconhecidos como violência intrafamiliar, é fundamental que esses comportamentos se manifestem de maneira repetida e sistemática, evidenciando uma prática contínua e estrutural de violência, que não se limita a atos isolados, mas sim a um padrão de comportamento prejudicial e destrutivo que perdura ao longo do tempo. Essa persistência no abuso reforça a condição de vulnerabilidade das vítimas, que se veem cada vez mais impotentes diante da opressão constante que sofrem no seio familiar.

Além disso, Machado *et al.* (2014) destaca a violência psicológica como dentro do contexto da violência intrafamiliar, demonstrando o controle emocional que o agressor possui sobre a vítima. Em geral, a violência psicológica é apresentada de forma verbal, como xingamentos, críticas, insultos, constantes ameaças de abandono, desprezo e entre outros. De outra maneira, os objetivos do agressor são diminuir, submeter e manter a vítima sobre o seu controle.

Em vista disso, Oliveira (2018) destaca que a violência não se restringe apenas a atos cometidos com a intenção deliberada de causar dano ao outro, comumente denominados agressões. Pelo contrário, sua manifestação é ampla e se expande para contextos de opressão sistêmica, nos quais os indivíduos podem ser absorvidos por estruturas impessoais que operam de maneira sutil e difusa. Nesses cenários, a violência pode se expressar por meio de comportamentos que, ao longo do tempo, tornam-se cristalizados e naturalizados na sociedade, dificultando sua identificação e perpetuando desigualdades e injustiças. Dessa forma, a violência transcende o âmbito das ações individuais e se insere em dinâmicas sociais mais amplas, refletindo relações de poder historicamente construídas e reproduzidas no tecido social.

Nesse sentido, Oliveira (2018) continua ao trazer a perspectiva da violência como um instrumento e na sua forma natural, a agressão. Expondo que comportamentos de violência contra mulheres e crianças, dentro de um ambiente familiar ou doméstico, acabam atravessando as duas formas de violência. Tendo em vista, que há o ato de agredir, independente da forma como se apresenta, e a utilização dessa agressão como instrumento pelo agressor para manter uma ordem e se reafirmar enquanto detentor do poder.

No que tange a violência intrafamiliar, é preciso entendê-la como um fenômeno que afeta milhares de crianças e adolescentes, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, os quais, sendo dependentes dos cuidados familiares, se encontram particularmente vulneráveis a essa forma de agravo. Essa violência pode se manifestar de maneira direta, quando os jovens vivenciam abusos físicos, psicológicos ou sexuais, ou de forma indireta, ao testemunharem agressões contra outros membros da família. Além de sofrerem diretamente os impactos da violência, muitas crianças e adolescentes são expostos diariamente a cenas de agressões contra outros familiares. De acordo com o Relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), que compila dados de mais de 30 países, uma em cada cinco crianças menores de cinco anos convive com mães que são vítimas de agressões por parceiros. No contexto brasileiro, um estudo revela que, entre 1,3 milhão de mulheres vítimas de violência, mais de um quarto das agressões são perpetradas por (ex) cônjuges. Destaca-se ainda que a experiência da violência pode ocorrer de diversas formas, seja por meio da observação ou da escuta das agressões entre os pais, ou, em situações mais extremas, pela intervenção direta nos momentos de violência, o que configura um fator de risco adicional, tornando esses indivíduos ainda mais vulneráveis (Lima *et al.*, 2023).

Dessa forma, configura-se uma violação ao ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, o qual atribui à família, além da comunidade e ao Estado, a responsabilidade de resguardar e garantir os direitos fundamentais de crianças e adolescentes. Esse Estatuto não apenas reconhece a importância da família, mas também define claramente o papel das instituições responsáveis por assegurar o bem-estar e a dignidade desses indivíduos. Ademais, destaca a necessidade de proteção em circunstâncias que possam expô-los a situações de risco, abuso ou qualquer forma de violência, seja ela física, psicológica ou emocional, visando garantir seu desenvolvimento saudável e livre de qualquer tipo de agressão (Brasil, 1990).

Posto isso, Moreira e Sousa (2012) complementam ao trazerem a percepção histórica da violência intrafamiliar, na qual passou por transformações significativas. Condutas, outrora legitimadas, passaram a ser rigorosamente contestadas e penalizadas na esfera jurídica. A proteção de crianças e adolescentes contra quaisquer formas de violência foi incorporada como um pilar nos tratados internacionais de direitos humanos, refletindo a evolução dos padrões normativos e dos valores sociais. Além disso, a violência intrafamiliar passou a ser considerada um agravo à saúde pública, afastando a ideia de que se tratava de um fenômeno natural ou de uma simples maneira de disciplina familiar, e sendo reconhecida como um grave problema que demanda a intervenção articulada do Estado, da sociedade civil e das próprias famílias. Assim, como uma compreensão maior acerca das consequências psicológicas em vítimas de violência intrafamiliar.

2.2 Consequências Psicológicas da Violência Intrafamiliar

A vivência contínua de agressões físicas e psicológicas em um ambiente hostil impõe à criança não apenas a dor física e a humilhação moral, mas também consequências psicológicas profundas e duradouras. Tais experiências deixam marcas indeléveis, que perduram por toda a sua vida, afetando significativamente seu desenvolvimento emocional e social. Embora seus direitos estejam formalmente assegurados, garantindo uma proteção contra esses abusos, a realidade é que essa proteção nem sempre é suficiente para mitigar os efeitos devastadores do sofrimento vivido. Os impactos negativos dessas agressões se estendem ao longo da vida, refletindo-se não apenas na infância, mas também na fase adulta (Porto; Dupont, 2016).

Machado *et al.* (2014) discorre sobre a violência intrafamiliar contra crianças, enfatizando a negligência, bem como as formas de violência física e psicológica perpetradas pelos próprios genitores. Trata-se de uma realidade profundamente dolorosa, cujas repercussões se estendem ao curto, médio e longo prazo, impactando tanto a saúde física quanto o bem-estar psicossocial das vítimas. Entre as principais consequências dessa violência, destacam-se comprometimentos no desenvolvimento social, emocional e psicológico da criança, os quais frequentemente se manifestam por meio de comportamentos de risco, tais como abuso de substâncias psicoativas,

prostituição, gravidez precoce e transtornos psiquiátricos, incluindo ansiedade, depressão, comportamento agressivo e, em casos extremos, tentativa de suicídio.

Por conseguinte, Moreira e Sousa (2012) caracterizam a violência intrafamiliar como um fenômeno de grande complexidade, resultante de múltiplos fatores e, portanto, não podendo ser reduzida a uma única causa. Nesse contexto, é fundamental considerar que os adultos inseridos no ambiente familiar desempenham um papel central no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes. Dessa forma, quando adotam comportamentos violentos, geram impactos profundos, podendo desencadear graves sequelas emocionais que afetam o bem-estar e a formação psicológica desses indivíduos ao longo de suas vidas.

Os sintomas mais frequentes e observados em crianças que sofreram violência incluem falta de motivação, isolamento social, ansiedade, comportamento agressivo, depressão, baixo desempenho acadêmico, evasão escolar, dificuldades no processo de aprendizagem, repetência e necessidade de atendimento educacional especializado. Esses efeitos são um reflexo direto do sofrimento vivido pela criança e comprometem suas oportunidades de desenvolvimento pleno, tanto no ambiente escolar quanto no social. Além disso, os danos imediatos provocados por essas experiências de violência podem se manifestar em forma de pesadelos repetitivos, sentimentos de raiva, culpa, vergonha e medo, tanto do agressor quanto de pessoas do mesmo sexo que este. Em muitos casos, esses indivíduos também desenvolvem quadros fóbico-ansiosos e tendem a se isolar socialmente, prejudicando ainda mais sua integração e bem-estar. Esses danos são uma evidência clara de como a violência intrafamiliar infantil não afeta apenas o presente, mas prejudica a vida da criança de forma profunda e prolongada (Porto; Dupont, 2016).

É relevante destacar a pesquisa realizada por Adams e Bernardelli (2023), que estabelece uma relação significativa entre a experiência de violência intrafamiliar e o desenvolvimento de transtornos de ansiedade em crianças e adolescentes. De acordo com o estudo, a família desempenha um papel central como o principal núcleo de contato social e de formação de experiências durante o processo de construção da identidade. Esse ambiente familiar, quando marcado por conflitos, agressões ou dinâmicas disfuncionais, pode atuar como um dos principais fatores predisponentes para o surgimento e agravamento de transtornos patológicos, como o transtorno de ansiedade. Além disso, os autores apontam que a exposição contínua a situações adversas dentro do ambiente familiar pode comprometer significativamente o

desenvolvimento emocional e psicológico dos jovens, prejudicando sua capacidade de enfrentar adequadamente situações de estresse e contribuindo para o estabelecimento de padrões negativos de comportamento e pensamento ao longo da vida. Conforme é destacado no trecho:

A violência emocional vivenciada na infância e na adolescência se mostrou um fator de risco para o desenvolvimento, podendo causar prejuízos cognitivo-comportamentais e impactos na saúde física e psicológica de crianças, adolescentes e adultos, além de interferir nos relacionamentos interpessoais ao longo do curso de vida. Crianças e adolescentes parecem mais reter e internalizar os sintomas, enquanto os adultos tendem a externalizar condutas agressivas (Henriques *et al.*, 2022, p. 7).

Ademais, Henriques *et al.* (2022) complementa trazendo a violência emocional vivenciada na infância e na adolescência relacionada à manifestação de sintomas internalizantes, como transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, insegurança, autoimagem negativa, depressão, medo e vergonha. Esses sintomas, particularmente a depressão, revelam-se frequentemente durante a adolescência, fase marcada por desafios relacionados às múltiplas mudanças de ordem cognitiva, psicológica, física e sociocultural. Além disso, o quadro de sintomas internalizantes tende a ser agravado quando os filhos são injustamente responsabilizados por diversas situações, o que promove o desenvolvimento de uma sensação constante de insegurança e a percepção de que suas ações são inadequadas ou insuficientes. Demonstrando assim, a importância da família para o desenvolvimento do indivíduo.

2.3 Formação da Identidade e Construção de Relações afetivas

De acordo com Mioto (1998) a família é concebida como um sistema aberto. Sendo o núcleo familiar compreendido como um todo, no qual seus membros ou subsistemas estão dinamicamente interconectados e em constante interação com outros sistemas. Sob essa perspectiva de totalidade, a família não se limita à mera soma de seus elementos. Entendendo assim, cada membro dessa relação pode interferir direta ou indiretamente na estruturação do todo e no individual de cada sujeito presente.

Com base nisso, a identidade é formada a partir das interações sociais e começa a influenciar o indivíduo desde a primeira infância, quando ocorre a internalização de valores, crenças e papéis sociais. Esse processo, conhecido como socialização primária, desenvolve-se predominantemente no ambiente familiar, onde a criança é apresentada a conceitos e papéis fundamentais que irão moldar sua

percepção de mundo e suas interações futuras. Além disso, é importante ressaltar que os pressupostos relacionados à identidade começam a exercer influência antes mesmo do nascimento, quando os pais projetam expectativas sobre o feto, interferindo, de maneira indireta, em seu desenvolvimento e nos papéis que assumirá (Paulino-Pereira *et al.*, 2017).

Conjuntamente, entende-se que a construção da identidade envolve o processo de definição do ser, dos valores que norteiam a vida e das direções que o indivíduo deseja seguir ao longo de sua existência. A identidade, conforme Schoen-Ferreira *et al.* (2003), é uma concepção de si mesmo, composta por valores, crenças e objetivos com os quais o sujeito está firmemente comprometido. Sendo tal identidade, moldada por diversos fatores: intrapessoais, que dizem respeito às capacidades inatas e características adquiridas da personalidade; interpessoais, que envolvem as identificações com outras pessoas; e culturais, que se referem aos valores sociais aos quais o indivíduo está exposto, tanto em nível global quanto comunitário. De outra maneira, o sujeito é englobado e construído através de suas relações vivenciadas, com ênfase na família como sendo o primeiro núcleo de contato e experiências.

Paulino-Pereira *et al.* (2017) prossegue ao apontar que esses pressupostos continuam a moldar a construção da identidade ao longo da vida, influenciando aspectos fundamentais das relações sociais, como classe social, gênero, religião, ocupação e outros marcadores sociais. A identidade, portanto, é um fenômeno essencialmente social, que não é natural nem estático. Trata-se de um processo dinâmico e em constante transformação, no qual os indivíduos internalizam valores, reproduzem papéis sociais e, muitas vezes, perpetuam padrões. Assim, somos constituídos pelos papéis que desempenhamos, e a continuidade desses papéis assegura a reprodução dos padrões sociais que nos moldam como indivíduos.

A teoria da aprendizagem social, proposta por Bandura (1976), sustenta que o desenvolvimento humano e o comportamento resultam de uma interação dinâmica e contínua entre três elementos principais: os fatores internos, representados por estímulos psicológicos e cognitivos; os fatores externos, que envolvem estímulos sociais e ambientais; e o próprio comportamento do indivíduo. Essa abordagem destaca a importância de processos sociais e cognitivos na aprendizagem, sugerindo que as pessoas não aprendem apenas por meio da experiência direta, mas também ao observar e imitar o comportamento de outros. Assim, Melo-Dias e Silva (2019)

complementam que um dos conceitos centrais da teoria é a experiência vicária, onde o aprendizado se dá pela observação das ações e consequências do comportamento de outras pessoas. Isso permite que os indivíduos adquiram conhecimento e habilidades sem precisar passar pela experiência direta, o que torna o processo de aprendizagem mais eficiente e abrangente. Esse tipo de aprendizagem é particularmente relevante em contextos sociais, já que a interação com diferentes grupos e culturas amplia as possibilidades de aquisição de competências, valores e interesses.

Cabe ressaltar, que a constituição do indivíduo depende, em grande medida, da forma como suas vivências e experiências são interpretadas, uma vez que essa interpretação é essencialmente subjetiva e pessoal. Ou seja, o significado atribuído aos acontecimentos e às interações ao longo da vida varia de acordo com a perspectiva de cada sujeito, o que implica que diferentes pessoas podem construir identidades distintas, mesmo diante de circunstâncias semelhantes. Além disso, é relevante considerar que existem fatores inatos, tais como predisposições genéticas, que também exercem uma influência significativa sobre as respostas e comportamentos do indivíduo. Esses aspectos, somados às experiências vividas e ao contexto social, contribuem de forma decisiva para o processo contínuo e dinâmico de construção da identidade. Assim, a formação do ser humano é um processo complexo, moldado por uma interação entre fatores internos e externos, e pela forma como o sujeito interpreta o mundo ao seu redor (Melo-Dias; Silva, 2019).

Tomando como premissa que a adolescência representa um período crucial para a compreensão da formação das relações afetivas, as quais podem perdurar ao longo da vida adulta, Bezerra (2024) enfatiza, em seu estudo, a importância desta fase no processo de construção dessas interações e vínculos. O autor ressalta que os papéis sociais observados nas primeiras etapas do desenvolvimento humano, frequentemente moldados por uma estrutura patriarcal e machista, colocam a figura feminina em uma posição de subordinação e a masculina em um papel dominante, hierarquicamente superior. Esse aprendizado social, internalizado ao longo do tempo, torna-se um elemento fundamental que orienta os comportamentos e atitudes nos relacionamentos futuros. Tais padrões de interação, muitas vezes, estão impregnados de violência emocional e física, como uma forma de perpetuar os estereótipos e comportamentos aprendidos durante a infância e adolescência, o que dificulta a desconstrução dessas dinâmicas ao longo da vida adulta. Portanto, a forma como os

indivíduos vivenciam as relações afetivas nessa fase inicial do desenvolvimento reflete diretamente a construção dos padrões de convivência e de poder que se manifestam em suas interações interpessoais nas etapas subsequentes da vida.

2.3.1 Estratégias de ressignificação da identidade e das relações afetivas

Silva e Costa (2018) destacam a infância como período em que emergem os primeiros questionamentos relacionados ao gênero, à sexualidade e às distintas formas de ser e estar no mundo. A escola, enquanto espaço de socialização secundária, exerce papel central nesse processo, uma vez que, por meio das vivências coletivas e individuais ali experienciadas, contribui significativamente para a formação das identidades. Nesse contexto, a instituição escolar atua como instância de subjetivação, promovendo a construção de sentidos e significados que influenciam a maneira como os sujeitos percebem, compreendem e se relacionam com o mundo. Tal processo de subjetivação é dinâmico, histórico e condicionado pelas características socioculturais de cada época.

Nessa perspectiva, Tinoco *et al.* (2024) complementa ressaltando que historicamente as relações de gênero têm sido permeadas por desigualdades estruturais que atravessam as dimensões social, política, econômica e educacional. Sustentadas por construções culturais e simbólicas, tais desigualdades contribuíram para a naturalização de papéis e comportamentos atribuídos a homens e mulheres, reforçando hierarquias de poder. No âmbito educacional, a escola configura-se como um espaço fundamental de socialização, desempenhando um papel tanto na reprodução quanto na possível transformação dessas estruturas.

A construção dos comportamentos de gênero é predominantemente influenciada por fatores culturais, em oposição às explicações biológicas que atribuem tais diferenças à natureza. Estudos no campo da psicologia e das neurociências indicam que a educação familiar e escolar desempenha papel central na consolidação de padrões de conduta distintos para meninos e meninas desde os primeiros anos de vida. Embora existam diferenças neurofuncionais e hormonais entre os sexos, como a correlação entre testosterona e agressividade, é o ambiente que exerce maior influência no desenvolvimento de habilidades, ao proporcionar estímulos diferenciados conforme o gênero. Dessa forma, a experiência vivida, por meio da

plasticidade cognitiva, molda o cérebro, configurando uma internalização cultural dos papéis de gênero (Garbarino, 2021).

Dessa maneira, Silva e Costa (2018) continuam trazendo a construção do imaginário acerca das subjetividades femininas no ambiente escolar como sendo influenciada pelas práticas e discursos dos sujeitos que o compõem, sendo fundamentada nas concepções que estes possuem sobre os papéis de homens e mulheres. A adoção de uma perspectiva de equidade de gênero requer a superação das visões binárias e hierarquizadas entre o feminino e o masculino, as quais perpetuam o sexismo na cultura escolar. Nesse sentido, considerando a escola como espaço de formação social e pessoal, torna-se essencial promover, desde a infância, a construção de relações de gênero igualitárias, bem como o reconhecimento da diversidade de formas de performar e vivenciar o gênero na sociedade.

Concomitantemente, é necessário destacar que, apesar dos avanços no reconhecimento e na compreensão dos papéis de gênero — com a atenuação de estereótipos marcantes e, conseqüentemente, impactos positivos na construção identitária —, a figura feminina ainda permanece submetida a práticas discriminatórias que carecem de maior visibilidade e enfrentamento. Tal cenário se reflete desde a limitação de sua voz em espaços considerados menores, como o ambiente doméstico, até sua sub-representação em esferas de maior alcance e relevância, como instituições educacionais, ambientes organizacionais e espaços de decisão política. Essa permanência de desigualdades demonstra que a equidade de gênero ainda enfrenta barreiras estruturais e simbólicas que precisam ser rompidas por meio de ações conscientes, políticas públicas eficazes e mudanças culturais profundas (Tinoco *et al.*, 2024).

Outrossim, Henriques *et al.* (2022) enfatizam a relação intrínseca entre o ambiente e o sujeito, destacando que, quando um indivíduo se encontra inserido em um contexto disfuncional — especialmente durante as fases cruciais de formação e consolidação da identidade —, há uma maior propensão à internalização de padrões negativos, resultando na reprodução e perpetuação de ciclos de disfunção nas suas relações afetivas. Esse processo pode comprometer significativamente o desenvolvimento emocional, cognitivo e social do indivíduo, influenciando suas escolhas, comportamentos e formas de interação com o meio.

Nesse sentido, torna-se evidente a importância dos espaços de socialização primária e secundária, como a família e a escola, na constituição de ambientes

saudáveis e estruturados. Quando esses espaços oferecem suporte emocional, estabilidade e estímulos positivos, contribuem significativamente para a construção de identidades mais resilientes e para a interrupção de padrões comportamentais nocivos. Assim, a promoção de contextos favoráveis ao desenvolvimento humano pode representar uma estratégia eficaz na prevenção da reprodução de ciclos disfuncionais ao longo das gerações (Henriques *et al.*, 2022).

3 O ROMANCE *NORMAL PEOPLE* COMO OBJETO DE ANÁLISE

3.1 Apresentação da Obra e da Autora

Sally Rooney é uma escritora irlandesa nascida em 20 de fevereiro de 1991, em Castlebar, Condado de Mayo, Irlanda. Reconhecida por sua habilidade única de retratar relacionamentos contemporâneos e dilemas sociais com notável sutileza emocional, Rooney rapidamente se destacou como uma das vozes mais importantes de sua geração na literatura moderna (Río, 2022).

Rooney estudou Inglês no Trinity College Dublin, onde posteriormente completou um mestrado em Literatura Americana. Foi durante seus anos universitários que começou a desenvolver seu estilo literário, caracterizado por diálogos naturais, introspecção psicológica e uma prosa direta e eficaz. Seu primeiro romance, *Conversations with Friends* (2017), foi muito bem recebido pela crítica e estabeleceu seu nome como uma jovem autora promissora (Río, 2022).

Seu segundo romance, *Normal People*, publicado em 2018, consolidou sua reputação internacional. A obra narra a complexa relação entre Marianne e Connell, dois jovens de uma pequena cidade irlandesa que, ao longo dos anos, se reencontram repetidamente enquanto navegam pelas dificuldades emocionais e sociais da adolescência e da vida universitária. O romance explora temas como classe social, identidade, violência, poder e vulnerabilidade emocional, sempre mantendo um tom sutil e profundamente humano (Río, 2022).

A obra é narrada a partir da perspectiva dos dois protagonistas, Connell Waldron e Marianne Sheridan, proporcionando uma imersão nas realidades distintas de cada um, as quais, embora contrastantes, acabam por se entrelaçar ao longo da narrativa. Marianne pertence a uma família abastada e de prestígio na cidade, mas sua vivência é marcada por relações familiares profundamente conflituosas, especialmente com seu irmão Alan, cuja postura abusiva impacta significativamente sua autoestima e suas relações interpessoais. Em contrapartida, Connell é filho único de uma mãe solteira que o criou com dedicação e afeto, ainda que em meio a limitações financeiras. Apesar de sua condição socioeconômica modesta, ele se destaca por sua inteligência, sensibilidade e carisma, características que o tornam admirado em seu meio social (Rooney, 2019).

Na primeira parte do romance, Connell e Marianne são dois jovens que se encontram no último ano do ensino médio, vivenciando experiências sociais bastante

distintas. Enquanto Marianne é uma figura reservada, solitária e sem vínculos afetivos com os colegas — sendo frequentemente percebida como alguém dotada de um “ar de superioridade” — Connell, por sua vez, é cercado de amigos e admiradores, sendo uma presença popular entre os demais estudantes (Rooney, 2019).

Apesar de se conhecerem desde cedo, devido ao fato de a mãe de Connell trabalhar como empregada doméstica na residência da família Sheridan, a relação entre os dois se desenvolve de forma discreta e ambígua. Por receio do julgamento alheio ou das convenções sociais, ambos evitam demonstrar qualquer tipo de proximidade quando estão diante de outras pessoas, o que torna sua conexão ainda mais complexa (Rooney, 2019).

Ao longo da narrativa, Connell e Marianne gradualmente se aproximam e desenvolvem uma relação que mescla elementos afetivos, sexuais e de amizade, ainda que envolta em discrição e silêncios. O vínculo entre eles, embora intenso, é mantido em segredo diante das demais pessoas, sobretudo por influência das inseguranças de Connell e das convenções sociais às quais ambos ainda se sentem presos. Esse caráter oculto e ambíguo da relação acaba por se tornar um dos fatores determinantes para o distanciamento que ocorre entre os dois (Rooney, 2019).

Contudo, a segunda parte da obra marca um ponto de inflexão significativo. Agora inseridos no contexto universitário, Connell e Marianne se reencontram em circunstâncias diferentes, mais maduros e em um ambiente que oferece maior liberdade para a construção de identidades. Esse reencontro representa uma virada decisiva na forma como ambos se percebem e se expressam, possibilitando o desenvolvimento de uma nova dinâmica na relação, definida e expressa por encontros e desencontros (Rooney, 2019).

A mudança de cenário, aliada ao crescimento individual de cada personagem, contribui para que suas interações ganhem profundidade e complexidade, revelando aspectos antes velados de suas personalidades. A partir desse momento, a narrativa se aprofunda nas transformações emocionais e nas tensões internas vividas por ambos, permitindo ao leitor acompanhar de forma sensível e íntima a evolução de sua conexão (Rooney, 2019).

O estilo minimalista de Rooney é particularmente evidente na estrutura do romance, que utiliza capítulos curtos e uma prosa direta, sem aspas para os diálogos. Essa abordagem estilística reflete seu interesse em capturar o fluxo natural da

consciência dos personagens e seus pensamentos não ditos, frequentemente em conflito com o que é expressado verbalmente (Río, 2022).

3.2 Perfil Psicológico dos Protagonistas: Connell e Marianne

A análise psicológica dos protagonistas Connell Waldron e Marianne Sheridan, da obra *Normal People*, de Rooney (2019), revela a complexidade emocional e as nuances de personalidade moldadas pelas experiências familiares e pelos relacionamentos que ambos vivenciam ao longo da narrativa. A autora constrói personagens profundamente introspectivos, cujas ações e reações são intensamente influenciadas pelos contextos sociais e afetivos em que estão inseridos. Essa construção permite observar como as vulnerabilidades emocionais e os traumas individuais afetam o desenvolvimento das suas identidades e a forma como se relacionam com os outros.

Connell é apresentado como um jovem introspectivo, sensível e inteligente, cuja autoestima está diretamente relacionada à forma como é percebido socialmente. Crescido em uma família de classe trabalhadora, criado apenas pela mãe, Lorraine, uma mulher amorosa, porém firme, Connell desenvolve um senso de responsabilidade e lealdade que, muitas vezes, o impede de expressar seus sentimentos de forma plena. Sua relação com a mãe é uma das mais saudáveis na obra, pautada no respeito mútuo e na comunicação sincera, o que contrasta com sua dificuldade de se abrir com outras pessoas, especialmente em ambientes nos quais sente a pressão do julgamento social (Rooney, 2019).

Marianne, por outro lado, vem de um lar disfuncional, marcado pela negligência emocional e pela violência intrafamiliar. A relação com a mãe é fria e autoritária, e o irmão exerce um papel abusivo, influenciando diretamente sua autoestima e percepção de valor próprio. Essa realidade familiar contribui para a construção de uma personalidade retraída, intelectualmente independente, mas emocionalmente fragilizada. Marianne demonstra, ao longo da narrativa, um padrão de comportamento autodepreciativo, buscando, em diversas ocasiões, validação por meio de relações que muitas vezes reproduzem a dinâmica de poder e submissão que vivencia em casa (Rooney, 2019).

A conexão entre Connell e Marianne nasce ainda no período escolar e é profundamente marcada por um desequilíbrio de poder inicial, em que Connell,

popular entre os colegas, sente vergonha de assumir o relacionamento com Marianne, considerada esquisita e socialmente isolada. Essa postura de Connell revela suas inseguranças e o impacto que a pressão social exerce sobre sua autoestima. A rejeição inicial vivida por Marianne reforça seus sentimentos de inadequação e contribui para o afastamento emocional entre os dois, mesmo quando há um forte vínculo afetivo e intelectual (Rooney, 2019).

À medida que os protagonistas ingressam na universidade, suas realidades se invertem: Marianne passa a se inserir melhor socialmente, enquanto Connell enfrenta crises de ansiedade e solidão. Esse novo contexto aprofunda a análise psicológica de ambos, revelando como cada um lida com a vulnerabilidade emocional. Connell, ao se deparar com episódios depressivos, demonstra dificuldade em pedir ajuda, reflexo de sua crença de que precisa manter sempre uma postura forte. Marianne, por sua vez, continua a buscar nos relacionamentos a validação que lhe foi negada pela família, muitas vezes se submetendo a dinâmicas de dominação e abuso (Rooney, 2019).

Além das relações familiares e amorosas, os vínculos de amizade de Marianne exercem um papel significativo em sua construção psicológica, muitas vezes funcionando como prolongamentos das dinâmicas de poder e submissão que ela internalizou desde a infância. Na universidade, Marianne se envolve com grupos que, apesar de aparentemente modernos e intelectualmente estimulantes, demonstram comportamentos manipulativos e controladores. Amigos como Peggy e Jamie, por exemplo, representam figuras que reforçam seu sentimento de inferioridade e a incentivam a se submeter a situações desconfortáveis sob o pretexto de liberdade ou maturidade. Esses relacionamentos são marcados por uma falta de empatia genuína, nos quais o valor de Marianne parece estar atrelado ao quanto ela se permite ser moldada às expectativas do grupo. Essa repetição de padrões sugere que Marianne ainda busca, ainda que não explicito, um espaço de pertencimento, mesmo que esse espaço perpetue a violência simbólica já presente em sua vida familiar. A ausência de limites saudáveis nas amizades a impede de se afirmar como sujeito autônomo, dificultando seu processo de emancipação emocional e contribuindo para a manutenção de um ciclo de autossabotagem e dependência afetiva disfarçada de liberdade relacional (Rooney, 2019).

A relação entre Connell e Marianne, embora marcada por idas e vindas, permanece como um espaço de autenticidade e refúgio. É na presença um do outro

que eles encontram a liberdade para serem verdadeiramente compreendidos, sem as máscaras exigidas pelos contextos sociais. A conexão entre eles não apenas evidencia suas fragilidades, mas também cria oportunidades de crescimento e amadurecimento emocional. Ambos, em diferentes momentos, funcionam como espelhos e amparo um para o outro, revelando a importância do vínculo afetivo genuíno para o enfrentamento das dores pessoais (Rooney, 2019).

Em síntese, os perfis psicológicos de Connell e Marianne são profundamente influenciados pelas suas histórias familiares e pelas relações que constroem ao longo da vida. Enquanto Connell lida com a insegurança e a ansiedade diante das expectativas externas, Marianne enfrenta as marcas de uma infância negligente e emocionalmente abusiva. A trajetória de ambos evidencia o impacto das relações primárias no desenvolvimento emocional e a importância do afeto, da escuta e do acolhimento na construção de uma identidade saudável (Rooney, 2019).

3.3 Violência e Dinâmica Familiar no Romance

Rooney (2019), em sua obra demonstra como a dinâmica familiar e a experiência da violência doméstica desempenham papéis centrais na formação da personalidade de Marianne, uma das protagonistas. A autora constrói, com sutileza e profundidade, o retrato de uma jovem cujas relações familiares são marcadas por negligência emocional, hostilidade e abuso psicológico.

Desde o início da narrativa, observa-se que Marianne vive em um ambiente doméstico opressivo. Embora a figura paterna tenha falecido antes dos acontecimentos principais do livro, a autora deixa explícito que o pai apresentava comportamentos agressivos em relação aos demais membros da família, sobretudo à mãe e à própria Marianne. Essa dinâmica é evidenciada, por exemplo, no diálogo entre Connell e Marianne:

Meu pai batia na minha mãe, ela conta. Por alguns segundos, que parece um tempo inacreditavelmente longo, Connell se cala. Então ele diz: Nossa. Eu sinto muito. Não sabia disso.
Tudo bem, ela diz.
Ele batia em você?
Às vezes (Rooney, 2019, p. 60).

Seguindo tal padrão, cabe destacar a relação entre Marianne e seu irmão Alan que é marcada por uma dinâmica de abuso contínuo e cruel. Alan exerce sobre Marianne uma violência que vai além da agressão física, buscando constantemente

diminuí-la e humilhá-la em sua própria casa. Seus ataques verbais são frequentes e carregados de desprezo, atingindo não apenas a autoestima da irmã, mas também reforçando a imagem de inferioridade que Marianne internalizou ao longo dos anos. Alan utiliza o sarcasmo e a intimidação como formas de exercer poder, perpetuando um ambiente doméstico hostil, no qual Marianne é sistematicamente colocada em posição de subjugação. Sua presença se torna sinônimo de ameaça, fazendo com que Marianne, mesmo já adulta, se sinta vulnerável e acuada dentro do próprio lar (Rooney, 2019).

Além da violência emocional, Alan recorre também à agressão física contra Marianne, episódios que são retratados no romance de maneira direta. Em momentos de tensão familiar, ele não hesita em agredi-la fisicamente, reforçando a dinâmica de dominação e controle, atribuindo a agressão como culpa da própria vítima. O fato de a mãe, Denise, minimizar ou ignorar esses atos de violência reforça a solidão de Marianne e a normalização do abuso em sua vida cotidiana. Como é retratado no trecho a seguir:

Antes que Alan possa reagir, escutam alguém chamando de dentro da casa e uma porta se fechando. A mãe deles chegou em casa. Alan olha para cima, sua expressão muda, e Marianne sente o próprio rosto se mexendo involuntariamente. Ele olha para ela. Você não devia mentir sobre as pessoas, ele diz. Marianne assente, não diz nada. Não conta pra mamãe sobre isso, ele diz. Marianne balança a cabeça. Não, ela concorda. Mas não teria importância se ela contasse para a mãe, na verdade. Denise decidiu muito tempo atrás que é aceitável que homens usem de agressividade contra Marianne como forma de expressão. Quando criança, Marianne resistia, mas agora simplesmente se desliga, como se não tivesse relevância para ela, o que de certo modo é verdade. Denise considera isso um sintoma da personalidade frígida e detestável da filha. Acredita que Marianne não tem “calor humano”, que para ela é a capacidade de implorar o amor de gente que a odeia (Rooney, 2019, p. 84-85).

Seguindo os relacionamentos de Marianne com os membros da sua família, destaca-se a mãe, Denise, como uma figura fria e distante, incapaz de demonstrar afeto ou compreensão. Ela frequentemente desmerece Marianne, reforçando uma sensação de inadequação e inferioridade. Em vez de oferecer suporte, Denise exerce uma autoridade rígida e impassível, alimentando um ciclo de rejeição que impacta profundamente a autoestima da filha. A ausência de empatia materna transforma a casa em um espaço de constante vigilância e julgamento, nunca de acolhimento. Assim, a falta de proteção e de reconhecimento por parte da família contribui para que Marianne não apenas suporte essas agressões, mas também as veja como uma extensão natural de sua existência (Rooney, 2019).

Por conseguinte, as experiências de relacionamentos afetivos de cunho amoroso da personagem seguem os mesmos padrões de violência demonstrados em suas relações familiares, evidenciando a continuidade dessa dinâmica de autodepreciação e submissão. Nesse sentido, destaca-se primeiramente o relacionamento com Jamie, personagem inicialmente apresentado como um amigo da faculdade, mas que sempre demonstrou interesse por Marianne. Durante o namoro entre ambos, torna-se evidente a maneira como Jamie adota comportamentos controladores e desrespeitosos. Embora Marianne não se sinta genuinamente conectada a ele, ela tolera suas atitudes dominadoras, como uma forma de autopunição por não conseguir corresponder aos sentimentos do parceiro. Evidenciado na fala da própria Marianne quando reflete sobre a forma como se sente em relação ao seu atual relacionamento, com Jamie, e o antigo com Connell:

Com o Jamie, é como se eu estivesse interpretando um papel, eu só finjo me sentir assim, como se estivesse sob o domínio dele. Mas com você, essa era a dinâmica de verdade, eu realmente tinha esses sentimentos, eu teria feito o que você quisesse. Agora, tenho certeza, você me acha uma namorada ruim. Estou sendo desleal. Quem não iria querer me bater? (Rooney, 2019, p.169).

De maneira ainda mais intensa, a relação de Marianne com Lukas revela uma faceta mais explícita de sua busca por punição e anulação pessoal. Lukas, um fotógrafo mais velho e emocionalmente distante, explora a vulnerabilidade de Marianne através de práticas sexuais que envolvem humilhação e submissão extremas, utilizando a fragilidade emocional dela como instrumento de poder e controle. Marianne aceita esse tipo de tratamento não por desejo genuíno, mas por acreditar que merece ser maltratada, uma crença profundamente enraizada nas experiências de rejeição, negligência e abuso vivenciadas dentro de sua própria família. Essa aceitação não decorre apenas da baixa autoestima, mas também de uma concepção distorcida sobre afeto e merecimento, construída ao longo dos anos em um ambiente familiar disruptivo. Assim, a relação com Lukas reforça a ideia de que Marianne associa intimidade ao sofrimento, perpetuando o ciclo destrutivo iniciado em sua infância. A autora, ao explorar essa dinâmica, evidencia de forma sensível como traumas antigos podem moldar padrões de comportamento autodestrutivos, dificultando a capacidade da personagem de estabelecer relações baseadas em respeito e afeto genuíno (Rooney, 2019).

3.4 O Impacto da Violência na Relação entre Connell e Marianne

Rooney (2019), em sua narrativa, explora de maneira sensível as complexas dinâmicas emocionais entre seus protagonistas, Connell e Marianne. Um dos elementos mais marcantes nesse relacionamento é o impacto da violência — tanto explícita quanto psicológica — na formação de suas identidades e na evolução de seu vínculo. A violência, neste contexto, manifesta-se de maneiras diversas, afetando profundamente a forma como ambos se percebem e interagem entre si.

Outrossim, o impacto da violência se torna ainda mais evidente na maneira como Marianne e Connell estabelecem padrões de comunicação e intimidade. Muitas vezes, ambos demonstram uma incapacidade de expressar seus sentimentos de maneira aberta, recorrendo ao silêncio, à evitação ou a comportamentos autodestrutivos. Essas atitudes contribuem para ciclos de afastamento e reconciliação, nos quais a dor emocional nunca é plenamente elaborada, apenas momentaneamente suprimida (Rooney, 2019).

Ademais, Rooney (2019), em sua escrita, expande o relacionamento entre Connell e Marianne para além do âmbito puramente amoroso, abordando aspectos emocionais e psicológicos profundos que marcam suas trajetórias individuais e compartilhadas. A intensidade dos sentimentos vivenciados pelos personagens, somada às suas experiências pessoais, cria um emaranhado de situações que os insere em contextos bastante reais e verossímeis da vida cotidiana. A autora demonstra grande sensibilidade ao retratar essas vivências, sem receio de expor as vulnerabilidades, os pensamentos mais íntimos e as falas espontâneas dos protagonistas, mesmo em momentos que poderiam ser socialmente considerados inadequados ou "errados". Tal honestidade narrativa contribui para a construção de personagens complexos e humanizados, capazes de despertar empatia no leitor. Essa característica é especialmente perceptível em uma cena específica entre Connell e Marianne, na qual a profundidade emocional e a franqueza da interação revelam a essência da relação que os une, permeada tanto pelo afeto quanto pelas inseguranças e contradições que carregam.

Ela vai se sentar ao lado dele e ele lhe toca o rosto. De repente, tem a terrível impressão de que poderia bater na cara dela, com bastante força, até, e ela ficaria ali sentada, deixando. A ideia o amedronta tanto que ele afasta a cadeira e se levanta. Suas mãos tremem. Não sabe por que pensou nisso. Talvez queira fazer isso. Mas se sente enjoado (Rooney, 2019, p. 134).

O trecho destacado reflete de maneira incisiva sobre a forma como a violência impacta diretamente o relacionamento entre Connell e Marianne. A narrativa evidencia o pensamento de Connell a respeito da percepção de poder e controle que ele exerce

sobre Marianne, revelando uma dinâmica relacional marcada por desequilíbrios emocionais. Ao refletir sobre a submissão de Marianne, Connell reconhece, ainda que de maneira inconsciente, que a jovem estaria disposta a se submeter às suas vontades como uma tentativa de receber, mesmo que minimamente, atenção e afeto. Tal construção demonstra como experiências prévias de violência e negligência moldaram o comportamento de Marianne, levando-a a naturalizar relações assimétricas. Por sua vez, Connell, embora consciente da influência que possui sobre ela, também se vê aprisionado em sentimento de culpa e inadequação, o que intensifica a complexidade do vínculo entre os dois. Dessa forma, Rooney (2019) expõe não apenas os efeitos individuais da violência, mas também a maneira como esses traumas reverberam nas dinâmicas afetivas, impedindo o estabelecimento de uma relação plenamente saudável e equilibrada.

Concomitantemente, observa-se o relacionamento entre Marianne e Connell sob duas principais perspectivas. A primeira refere-se à dificuldade que ambos enfrentam para expressar e lidar com seus sentimentos e pensamentos individuais, o que impacta diretamente a relação entre eles. Ao longo da obra, são recorrentes os momentos de mal-entendidos, decorrentes da ausência de uma comunicação clara sobre os desejos e intenções de cada um, dificultando a construção de um vínculo sólido. Essa falta de clareza acaba gerando interpretações equivocadas, sendo mencionada por Connell ao falar sobre um dos afastamentos entre eles e sobre não entender o que aconteceu (Rooney, 2019).

Sabe, eu realmente não entendi o que estava acontecendo entre nós no verão passado, ele diz. Assim, quando precisei voltar para casa e tal. Eu meio que achava que talvez você fosse me deixar ficar aqui ou algo assim. Eu realmente não sei o que foi que aconteceu com a gente no final das contas (Rooney, 2019, p. 189).

A segunda perspectiva centra-se na evolução da comunicação entre Marianne e Connell ao longo da narrativa, evidenciando um processo gradual de amadurecimento na relação entre ambos — independentemente de sua configuração amorosa. Com o tempo, nota-se que as interações entre os dois tornam-se mais abertas, honestas e empáticas, refletindo um crescimento mútuo que transcende o vínculo romântico. Essa mudança na forma de se comunicarem permite que enfrentem de maneira mais consciente e solidária as adversidades que surgem tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Ao desenvolverem uma escuta mais sensível e uma expressão mais clara de seus sentimentos, ambos se tornam mais preparados para lidar com os desafios emocionais e existenciais que permeiam suas vidas. Assim,

a relação entre eles passa a ser marcada por um suporte mútuo mais sólido, revelando a importância do diálogo na construção de vínculos profundos e duradouros (Rooney, 2019).

O que têm agora eles nunca mais poderão ter. Mas para ela a dor da solidão não vai ser nada se comparada à dor que costumava sentir, de não valer nada. Ele lhe trouxe a bondade como uma dádiva, e agora isso é parte dela. Enquanto isso, a vida se abre à frente dele em todas as direções ao mesmo tempo. Fizeram muito bem um ao outro. De verdade, ela pensa, de verdade. As pessoas podem mudar as outras de verdade (Rooney, 2019, p. 322).

Rooney (2019) no trecho destacado evidencia o amadurecimento emocional e a relevância dos vínculos afetivos saudáveis ao longo da vida. Na fala de Marianne, é possível perceber uma reflexão profunda sobre o impacto positivo que seu relacionamento com Connell teve em sua trajetória pessoal. Ela reconhece que, apesar das experiências negativas vividas em relações anteriores, o vínculo construído com Connell contribuiu significativamente para que ela passasse a se sentir melhor consigo mesma. Tal relação, pautada por acolhimento e compreensão, revela-se essencial para o desenvolvimento pessoal e para a ressignificação de suas vivências emocionais.

4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA VIDA ADULTA

4.1 Teoria do Apego e suas Implicações nas Relações Românticas

Becker e Crepaldi (2019) abordam que os vínculos afetivos constituem o alicerce essencial das relações humanas ao longo de todo o ciclo de vida. Por meio da interação com seus principais cuidadores, a criança desenvolve modelos internos dinâmicos — representações mentais acerca de si própria, dos outros e das expectativas em relação a esses vínculos. Os modelos internos dinâmicos referem-se às representações mentais que construímos ao longo da vida sobre nós mesmos, sobre o mundo ao nosso redor. Eles influenciam como percebemos e interpretamos as situações, nossas interações sociais e nossas expectativas em relação ao futuro.

À luz dessa perspectiva, Bowlby (2002) concebe o apego como um vínculo afetivo primordial, estabelecido, em grande parte, entre a mãe e o filho, sendo esse relacionamento essencial para o desenvolvimento emocional e social da criança. O autor enfatiza que a infância representa o período mais significativo para a formação desse laço, pois é nessa fase que a criança estabelece uma conexão profunda com a figura que exerce maior representatividade e segurança em sua vida — geralmente, a mãe. Esse vínculo primário serve como base para a maneira como o indivíduo irá se relacionar com o mundo ao seu redor, influenciando diretamente a qualidade de suas futuras relações interpessoais. Assim, as experiências vivenciadas na infância moldam não apenas a percepção de afeto e confiança, mas também a forma como a criança compreende e responde aos ambientes que a cercam. Dessa forma, as interações estabelecidas nesse período inicial tendem a ser projetadas em contextos considerados seguros — como a escola, por exemplo —, os quais são percebidos como extensões do cuidado materno. Esses espaços, geralmente escolhidos ou mediados pela mãe, tornam-se ambientes nos quais a criança se sente acolhida e protegida. Além disso, mesmo quando não há presença física da figura materna, há elementos simbólicos que remetem a ela, sustentando, assim, a sensação de segurança e continuidade afetiva.

Nessa perspectiva, Ribas e Moura (2004) destacam a relevância do cuidador primário — geralmente representado pela família, notadamente pelas figuras paterna e materna — como principal referência na construção dos vínculos de apego na infância. Essas figuras exercem papel fundamental no desenvolvimento emocional e na formação dos modelos internos de relação que a criança levará consigo ao longo

da vida. No entanto, não se pode atribuir exclusivamente ao cuidador primário a responsabilidade pela constituição do apego. É igualmente necessário reconhecer a influência das figuras subsidiárias, como avós, tios, irmãos mais velhos, professores ou outros cuidadores significativos, que também contribuem para o desenvolvimento das experiências afetivas do indivíduo. Compreender a atuação conjunta dessas figuras é essencial para uma análise mais abrangente das relações interpessoais que irão permear a trajetória do sujeito e impactar diretamente sua capacidade de estabelecer vínculos no futuro.

Becker e Crepaldi (2019) continuam ao trazerem que, para além das influências das experiências de apego na infância e nas relações conjugais, as vinculações afetivas estabelecidas nos primeiros anos de vida também exercem um papel significativo na constituição da parentalidade. As evidências sugerem que padrões comportamentais e relacionais tendem a se repetir entre pais e filhos ao longo das gerações, indicando um processo contínuo de transmissão intergeracional. Esse fenômeno é objeto de estudo da transgeracionalidade familiar, cuja premissa central é a de que a qualidade e a natureza das práticas parentais são, em grande medida, herdadas por meio de vivências anteriores. Assim, os pais, de forma muitas vezes inconsciente, tendem a reproduzir com seus filhos os modelos de cuidado, afeto e disciplina que experimentaram em sua própria infância, perpetuando estruturas relacionais e emocionais dentro do sistema familiar.

Contudo, Bowlby (2002) ao avaliar as conotações que tratam as repetições de padrões como algo “regressivo”, traz que o comportamento de apego manifestado na vida adulta configura-se como uma continuidade direta dos vínculos formados na infância, tornando-se especialmente evidente em contextos de adversidade, como doenças, situações de perigo ou desastres súbitos, nos quais o indivíduo tende a buscar a proximidade de pessoas conhecidas e confiáveis. Nessas circunstâncias, o aumento da necessidade de apego é socialmente reconhecido como uma resposta natural. Assim, classificar tais manifestações como “regressivas” revela-se inadequado, uma vez que essa terminologia carrega uma conotação patológica e ignora o papel essencial que o apego desempenha ao longo de toda a existência humana.

Por conseguinte, Becker, Vieira e Crepaldi (2019) destacam que as representações formadas durante a infância, especialmente aquelas relacionadas ao apego estabelecido nas primeiras relações afetivas, exercem influência significativa

sobre os vínculos interpessoais na vida adulta, refletindo-se em contextos como a vida conjugal, profissional e, particularmente, na parentalidade. Sob essa perspectiva, torna-se relevante considerar os padrões relacionais de apego vivenciados na infância e seus possíveis impactos no exercício da função parental. Contudo, é importante destacar que essa transmissão de padrões não deve ser compreendida de maneira linear, determinista ou inflexível. Pesquisas contemporâneas indicam a existência de uma relação entre as experiências infantis de apego e os comportamentos adultos, sem, contudo, estabelecer uma conexão direta de causa e efeito, reconhecendo a possibilidade de mudanças e ressignificações ao longo do desenvolvimento humano.

No que se refere às relações românticas na vida adulta, Murta *et al.* (2012) evidenciam que a ausência de um apego seguro na infância pode refletir de maneira significativa na qualidade desses vínculos. Indivíduos que vivenciaram, de forma direta ou indireta, situações de violência intrafamiliar durante a infância estão mais propensos a estabelecer relações afetivas marcadas por padrões semelhantes aos que experienciaram em seu ambiente familiar de origem. Tais vivências podem comprometer a capacidade de estabelecer conexões baseadas em confiança, respeito e estabilidade emocional. Além disso, o tipo de apego construído nas relações primárias não apenas influencia os relacionamentos românticos futuros, como também pode se manifestar na forma como o indivíduo exerce a parentalidade. Isso ocorre porque os modelos internalizados de cuidado, afeto e vínculo tendem a ser reproduzidos nas interações com os próprios filhos, podendo perpetuar ciclos intergeracionais de insegurança emocional ou, em contrapartida, serem ressignificados a partir de novas experiências relacionais.

Para tanto, a relação conjugal configura-se como uma construção singular, resultante da integração das individualidades de cada cônjuge, das influências das respectivas famílias de origem e das experiências prévias vivenciadas em outros vínculos afetivos. O desenvolvimento dessa relação depende do grau de diferenciação emocional, da capacidade de tolerância à angústia e das características específicas do vínculo estabelecido entre os parceiros. A escolha do cônjuge, por sua vez, é influenciada por motivações inconscientes que envolvem fantasias, desejos, necessidades e frustrações oriundas da infância, bem como pelo processo de identificação com os pais, tanto enquanto figuras individuais quanto enquanto casal. Por meio das identificações projetivas e reintrojetivas com o vínculo parental, desenvolve-se a capacidade psíquica de conjugar, essencial para a elaboração

subjetiva, o insight e a criatividade na vida a dois. Assim, o casamento pode ser compreendido como uma expressão do estado mental que reflete a aptidão do indivíduo para estabelecer e sustentar uma relação conjugal (Mito,1998).

Dessa maneira, Mito (1998) complementa ao trazer a dinâmica conjugal sobre duas óticas distintas: um que favorece o crescimento pessoal e a maturação emocional de ambos os parceiros, possibilitando a construção de uma relação estável, criativa e enriquecedora; e outro marcado pela intensificação dos conflitos individuais, no qual um dos cônjuges passa a assumir, de forma recorrente, aspectos problemáticos do outro. Esse desequilíbrio tende a gerar um aumento da tensão na relação, podendo resultar no agravamento dos conflitos, na ruptura do vínculo conjugal ou na transferência dessas dificuldades para outros membros da família. Nesse contexto, torna-se evidente que o desenvolvimento e a estabilidade da família estão diretamente relacionados à qualidade da relação conjugal. Para que esta cumpra seu papel estruturante, é fundamental que seja pautada na complementaridade e na reciprocidade, criando um ambiente propício ao desenvolvimento emocional do casal, de cada indivíduo e, conseqüentemente, dos filhos. À luz disso, faz-se necessário compreender esse dinamismo sobre o viés de sujeitos que vivenciaram a violência intrafamiliar.

4.2 Padrões de Relacionamento em Sobreviventes de Violência Intrafamiliar

Narvaz e Koller (2006) destacam a existência de um padrão Intergeracional na Transmissão de experiências de violência, segundo o qual mulheres que vivenciam situações de violência conjugal frequentemente foram, na infância, testemunhas da vitimização de suas próprias mães. Esse padrão é reforçado por concepções estereotipadas de gênero, enraizadas na cultura familiar, que contribuem para obscurecer tanto a origem quanto a perpetuação da subordinação feminina, configurando, assim, um ambiente propício à ocorrência de abusos. Conseqüentemente, a violência contra a mulher tende a ser banalizada, minimizada, negada e naturalizada por uma cultura sexista que a trata como uma condição inevitável da realidade social, dificultando seu enfrentamento e o reconhecimento da gravidade dessa forma de opressão estrutural.

No âmbito cultural, Serpa (2010) apresenta a perspectiva de que a violência intrafamiliar tem afetado, de maneira predominante, as mulheres, sendo estas

frequentemente vitimizadas por figuras masculinas do círculo familiar, como maridos, companheiros, pais ou padrastos. Tal constatação evidencia a necessidade premente de uma análise crítica sobre as relações de gênero que estruturam e organizam a sociedade, influenciando o comportamento, a posição social e o desempenho das funções atribuídas a homens e mulheres. Desde a infância, tais concepções são reforçadas por instituições socializadoras, como a família, a escola, os meios de comunicação e as produções culturais, que difundem estereótipos de gênero ao representarem as meninas como seres dóceis e submissos e os meninos como fortes e dominadores. Esses estereótipos não apenas orientam condutas, modos de vestir e formas de se relacionar com o próprio corpo e com o outro, mas também estabelecem expectativas sociais distintas para cada gênero. A partir dessas construções simbólicas, consolidam-se relações assimétricas de poder, nas quais o grupo masculino, historicamente, apropriou-se de privilégios sociais, relegando o feminino a uma condição de fragilidade, dependência e subalternidade no que se refere aos direitos e ao reconhecimento social.

A partir de tais concepções gerais, pode-se focar de forma mais centralizada na violência intrafamiliar e em suas consequências, em especial na transmissão intergeracional do comportamento, conceito essencial para compreender como determinados padrões comportamentais - especialmente aqueles relacionados à violência - podem ser reproduzidos ao longo das gerações. Esse fenômeno pode ser aprofundado à luz da Teoria da Aprendizagem Social, proposta por Bandura (1976), a qual explica que a observação e a imitação de comportamentos violentos contribuem significativamente para a perpetuação da violência por meio de processos de aprendizagem e repetição intergeracional. Nesse sentido, a vivência de situações violentas durante a infância, como a observação de agressões entre os pais, exerce forte influência na forma como os indivíduos percebem os relacionamentos afetivos, podendo impactar diretamente suas escolhas de parceiros na vida adulta. Esse processo torna-se ainda mais preocupante no contexto da violência de gênero, visto que mulheres criadas em ambientes marcados por violência podem desenvolver uma compreensão distorcida do que configura um relacionamento saudável, o que as torna mais suscetíveis a vivenciarem relações abusivas. Além disso, ao seguir esse padrão repetido, o ciclo de violência tende a se fortalecer e torna-se cada vez mais difícil de ser interrompido (Pereira *et al.*, 2022).

Em vista disso, Schoen-Ferreira *et al.* (2003) argumenta que as relações interpessoais e os comportamentos adotados pelo indivíduo durante a fase adulta são, na verdade, reflexos da identidade que foi gradualmente construída ao longo da infância e da adolescência. O autor sugere que as experiências vividas nas etapas iniciais da vida têm um impacto profundo e duradouro na formação da personalidade e, conseqüentemente, nas interações sociais do adulto. Dessa forma, o comportamento do sujeito não é apenas um reflexo de suas vivências passadas, mas também uma tendência a reproduzir padrões de relação que foram internalizados ao longo do tempo. O indivíduo, portanto, torna-se um produto das relações que experimentou, sendo propenso a revisitar e, muitas vezes, a repetir essas dinâmicas ao longo de sua vida adulta. Conforme é apresentado no trecho:

Analisar a prática da violência intrafamiliar sob a perspectiva das relações intergeracionais significa levar em consideração dois aspectos: primeiro, o da repetição das práticas de violência entre as gerações, ou seja, os estudos têm mostrado que um adulto violento tem grande probabilidade de ter sofrido em sua própria infância ações violentas por parte de seus pais e de outros adultos significativos em seu processo de socialização (Moreira; Sousa, 2012, p. 18).

Por outro lado, mulheres que, durante sua fase de desenvolvimento, são colocadas no papel de espectadoras das dinâmicas vivenciadas por suas figuras de referência — especialmente em contextos nos quais a representação masculina se sobrepõe à feminina — tendem a internalizar esses modelos e, posteriormente, reproduzi-los em suas relações afetivas na vida adulta. Quando expostas repetidamente a situações em que o poder e a autoridade são exercidos de forma desigual entre os gêneros, essas mulheres podem desenvolver uma percepção distorcida do que constitui um relacionamento saudável, aceitando comportamentos abusivos como algo natural ou inevitável. Nesse sentido, evidencia-se que os vínculos afetivos estabelecidos ao longo da vida adulta são profundamente influenciados pelas experiências formativas da infância e pelas relações observadas no núcleo familiar. Tal compreensão é amparada pelas contribuições teóricas de Bandura (1976) e Bowlby (2002), que, embora apresentem perspectivas distintas — a Teoria da Aprendizagem Social e a Teoria do Apego, respectivamente — compartilham a premissa de que os vínculos interpessoais e os padrões de comportamento desenvolvidos precocemente exercem um papel central na formação da identidade emocional do sujeito. Assim, tanto a observação de modelos parentais quanto a qualidade das relações de apego vivenciadas nos primeiros anos de vida podem

influenciar diretamente a forma como essas mulheres se posicionam nas relações amorosas e sociais ao longo do tempo (Moreira; Sousa, 2012).

4.3 Possibilidades de Superação e Resiliência

É evidente que a decisão de encerrar um relacionamento marcado pela agressividade, seja ele de natureza romântica ou familiar, constitui um processo lento, complexo e, muitas vezes, extremamente doloroso para a vítima. Isso se deve, em grande parte, ao vínculo afetivo que muitas vezes existe entre a pessoa agredida e o agressor, o que dificulta o reconhecimento da violência e retarda a busca por ajuda. Nesse contexto, Machado *et al.* (2014) apontam que o simples ato de verbalizar a experiência de violência já representa um passo significativo rumo à ruptura desse ciclo. Expressar-se oralmente sobre o que foi vivenciado implica, muitas vezes, enfrentar sentimentos de medo, culpa e vergonha. Por isso, torna-se essencial que o ouvinte — seja ele um profissional da saúde, da assistência social ou mesmo um familiar — esteja preparado para acolher a vítima de forma empática e qualificada. Oferecer um suporte adequado requer sensibilidade, escuta ativa e conhecimento técnico, a fim de proporcionar segurança emocional e orientar possíveis caminhos para o enfrentamento e superação da situação vivida. Complementando que:

De acordo com os discursos dos entrevistados, observamos que para a busca de ajuda é preciso que as mulheres tenham informações, conhecimentos e recursos políticos públicos disponíveis que forneçam o apoio para enfrentamento dos obstáculos encontrados (Machado *et al.*, 2014, p. 834).

Serpa (2010), em sua pesquisa com mães de meninas vítimas de violência intrafamiliar ou doméstica, apresenta resultados que evidenciam como essas mulheres percebem e vivenciam o ciclo de abuso e violência ao longo de seus relacionamentos afetivos e familiares. O estudo revela que o conjunto de vivências culturais, sociais e experiências pessoais dessas mulheres contribui significativamente para a naturalização e a reprodução desses padrões relacionais abusivos, que acabam se tornando enraizados e cristalizados em suas trajetórias de vida. Esse processo de internalização dificulta o reconhecimento da violência como tal e, conseqüentemente, compromete a capacidade de romper com essas relações opressoras. Assim, as possibilidades de enfrentamento e superação da violência tornam-se cada vez mais limitadas, exigindo intervenções sociais, psicológicas e institucionais mais amplas e eficazes para a quebra desse ciclo contínuo de abusos.

Paralelamente, Moreira (1999) apresenta resultados de uma experiência com Grupos de Encontro realizados com mulheres vítimas de violência intrafamiliar no Chile. A análise dos dados demonstra que, ao longo de sete encontros realizados durante um período de dois meses, a maioria das participantes passou a se sentir mais segura para enfrentar e superar as sequelas deixadas pela vivência da violência. Além disso, as mulheres demonstraram um aumento significativo em seu nível de informação e conscientização sobre formas de prevenção e enfrentamento desse tipo de violência. Os resultados indicam que espaços de escuta, acolhimento e partilha de experiências podem desempenhar um papel fundamental no fortalecimento emocional e na reconstrução da autonomia dessas mulheres, promovendo caminhos mais efetivos para a superação da condição de vulnerabilidade.

Contudo, o estudo também revelou que os Grupos de Encontro não representam, necessariamente, uma alternativa plenamente eficaz para todas as mulheres em situação de violência. Diante disso, torna-se imprescindível um aprofundamento individualizado em cada caso, com o objetivo de promover um acompanhamento mais efetivo e sensível às particularidades de cada vítima. Nesse sentido, as intervenções devem ser cuidadosamente planejadas e centradas na história de vida da mulher, de modo a garantir que façam sentido em seu contexto subjetivo e social. Apenas por meio de abordagens personalizadas e humanizadas será possível oferecer suporte real e contribuir para o processo de superação e reconstrução de sua autonomia e dignidade (Moreira, 1999). Conforme é expresso no trecho:

Este caso mostra que a situação da mulher vítima de violência intrafamiliar pode ser mais complexa que uma problemática psicossocial, referindo-se a aspectos mais profundos, relacionados à própria dinâmica intrapsíquica da mulher e a uma relação interpessoal conjugal patológica. Nestes casos, haveria a necessidade de encaminhamento para psicoterapia individual (Moreira, 1999; p. 73).

Daffonseca, Priolo Filho e Williams (2016), ao tratarem das intervenções realizadas com famílias em contextos de violência doméstica, destacam a relevância de interromper o ciclo da violência ainda durante a infância. A partir do trabalho psicoterapêutico com mulheres — especialmente mães — que foram ou ainda são vítimas de violência por parte de seus parceiros, os autores identificaram a necessidade de estender a intervenção também aos filhos. Observou-se que, inseridas nesse ambiente de violência, muitas crianças passam a reproduzir padrões de comportamento herdados dos pais, como a agressividade nos meninos e a

passividade nas meninas. Essas condutas, se não abordadas de forma adequada, podem contribuir para a perpetuação do ciclo de violência nas gerações futuras.

Nesse contexto, a psicoterapia individual com as crianças passou a ter como foco central o desenvolvimento da capacidade de compreender e lidar com emoções e sentimentos de maneira saudável, favorecendo, assim, a construção de novas formas de se relacionar e enfrentar conflitos. A proposta visa, a longo prazo, a prevenção da reconfiguração do ciclo violento, por meio do fortalecimento emocional e da promoção da autonomia afetiva. Importa destacar que esse processo só foi possível graças à iniciativa das mães em buscar apoio psicológico, o que demonstra que a quebra de padrões estabelecidos demanda uma série de pequenas, mas significativas, rupturas de paradigmas pessoais e culturais. A intervenção, portanto, não apenas atua sobre os efeitos imediatos da violência, mas também representa uma oportunidade concreta de transformação das dinâmicas familiares (Daffonseca; Priolo Filho; Williams, 2016).

5 METODOLOGIA

5.1 Abordagem da Pesquisa

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de cunho interpretativo, embasada na análise hermenêutica da obra *Normal People*, de Rooney (2019), tendo como objetivo compreender as implicações da violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta. Para a seleção do referencial teórico, foram utilizadas palavras-chave diretamente relacionadas à temática investigada, tais como: “Violência Intrafamiliar”, “Relações Afetivas”, “Desenvolvimento Humano”, “Resiliência”, “Literatura”. A busca foi realizada prioritariamente no Portal de Periódicos da CAPES, com o objetivo de localizar materiais científicos alinhados ao recorte temático da pesquisa.

Assim foram utilizados, ao todo, 18 artigos acadêmicos publicados entre os anos de 2003 e 2024, todos provenientes de periódicos revisados por pares e com escopo nas áreas da psicologia, sociologia, educação e saúde pública. Além disso, foram consultados 4 livros acadêmicos que contribuíram para o aprofundamento teórico, com destaque para as obras de Bandura (1976), Bowlby (2002) e Miotto (1998). No que se refere ao embasamento jurídico e institucional, foram incluídas 2 legislações centrais: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que orientam os direitos fundamentais de proteção à infância e adolescência.

Como critérios de inclusão, consideraram-se produções publicadas no período entre 2000 e 2024, com fundamentação teórica clara, pertinência temática e relevância científica. Foram excluídos textos opinativos, materiais sem rigor metodológico, documentos duplicados e aqueles que não apresentavam relação direta com a problemática central. Essa filtragem visou garantir a atualidade, a confiabilidade e a solidez teórica do corpus utilizado na pesquisa. Dessa forma, a pesquisa foi orientada por uma curadoria criteriosa de fontes que permitiram uma análise crítica e interdisciplinar sobre as marcas da violência na constituição subjetiva e afetiva de indivíduos, com especial enfoque na personagem Marianne Sheridan, da obra literária em análise.

A seleção dos episódios do romance seguiu critérios de relevância temática, privilegiando passagens em que a violência intrafamiliar, os conflitos emocionais e as dificuldades de vinculação afetiva se manifestam de forma explícita ou simbólica. A

análise dessas cenas foi realizada de forma a identificar os mecanismos psicológicos acionados pelas personagens, relacionando-os ao referencial teórico. Tais trechos ilustram como Marianne internaliza um modelo relacional baseado na punição, na submissão e na ausência de afeto, perpetuando padrões de autodepreciação e dificuldade de estabelecer vínculos seguros (Rooney, 2019).

A interdisciplinaridade caracteriza-se como uma diretriz fundamental desta pesquisa, uma vez que permite articular contribuições oriundas da psicologia, da literatura e das ciências sociais. Autores como Miotto (1998) e Narvaz & Koller (2006) oferecem suporte teórico para pensar as interações familiares como sistemas dinâmicos, nos quais os papéis sociais, o poder e a violência são construídos e reproduzidos. Ao integrar diferentes campos do saber, a análise amplia sua capacidade de interpretar os elementos subjetivos da narrativa, atribuindo-lhes valor sociocultural e clínico.

À vista disso, entende-se que a análise literária de *Normal People*, mediada por fundamentos psicológicos e sociais, possibilita a compreensão das consequências da violência intrafamiliar na vida afetiva adulta. A obra de Rooney (2019) apresenta-se como um campo fértil para esse tipo de investigação, ao retratar com profundidade as vivências emocionais dos personagens. Assim, a metodologia adotada não apenas contribui para o entendimento das experiências de Marianne, mas também fomenta reflexões sobre os impactos da violência no desenvolvimento humano, na construção de vínculos e na possibilidade de ressignificação das relações.

5.2 Técnicas de Análise

Para a interpretação das relações entre os personagens e seus respectivos traumas familiares na obra *Normal People*, de Rooney (2019), este trabalho adota como principal técnica a análise de conteúdo. Essa metodologia permite examinar de maneira sistemática os elementos simbólicos, emocionais e discursivos presentes no texto literário, favorecendo a identificação de padrões, temas recorrentes e estruturas significativas que contribuem para a compreensão da subjetividade das personagens e das dinâmicas afetivas desenvolvidas ao longo da narrativa.

Por conseguinte a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2015), estrutura-se em três etapas fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos. Na pré-análise, são definidos os critérios de

seleção dos trechos que serão analisados, com base em sua relevância para os objetivos da pesquisa. Em seguida, na fase de exploração, realiza-se a codificação e categorização dos dados textuais, identificando unidades de significado relacionadas à violência intrafamiliar, aos vínculos afetivos e aos comportamentos psicológicos. Por fim, os dados são interpretados à luz do referencial teórico previamente definido, permitindo inferências coerentes com o contexto da pesquisa.

Concomitantemente a escolha da análise de conteúdo como técnica se justifica pela natureza simbólica e psicológica dos elementos presentes no romance. O texto literário, como espaço de expressão da complexidade humana, demanda um método capaz de captar os sentidos latentes nas ações, pensamentos e diálogos dos personagens. Dessa forma, a análise de conteúdo viabiliza a leitura crítica e sensível das experiências narradas, promovendo uma interpretação que vá além do conteúdo manifesto e explore as camadas profundas do discurso ficcional (Bardin, 2015; Becker e Crepaldi, 2019).

Ademais a aplicação da análise de conteúdo neste trabalho foi orientada por eixos temáticos previamente definidos a partir do referencial teórico e da problemática de pesquisa. Dentre esses eixos, destacam-se: (1) a violência intrafamiliar e suas manifestações físicas e psicológicas; (2) a construção da identidade e da autoestima em contextos familiares disfuncionais; (3) os padrões afetivos e relacionais disfuncionais na vida adulta; e (4) os mecanismos de resiliência e superação de traumas. Cada um desses eixos foi representado por categorias específicas identificadas nos episódios selecionados da narrativa.

A análise foi complementada com elementos da abordagem psicoafetiva das relações humanas, fundamentada em autores como Bandura (1976), Bowlby (2002), Henriques *et al.* (2022) e Schoen-Ferreira *et al.* (2003), que enfatizam a influência do ambiente familiar na formação da personalidade e nos vínculos estabelecidos ao longo da vida. Esses referenciais permitiram a interpretação das falas e comportamentos de Marianne e Connell como expressões simbólicas de traumas emocionais não elaborados, que impactam suas formas de se relacionar consigo mesmos e com os outros.

Vale destacar que a escolha por uma técnica qualitativa, como a análise de conteúdo, está em consonância com a proposta interpretativa e interdisciplinar do estudo, que se apoia na articulação entre literatura, psicologia e ciências sociais. Como aponta Mito (1998), a análise de conteúdos simbólicos deve considerar a

subjetividade como categoria central da compreensão humana, respeitando as múltiplas dimensões que atravessam os sujeitos e suas experiências.

Assim, por meio da análise de conteúdo aplicada aos trechos selecionados da obra, foi possível construir uma interpretação aprofundada das dinâmicas familiares e emocionais dos protagonistas, com especial atenção à forma como os traumas vivenciados na infância reverberam na vida adulta. A técnica adotada, aliada a um referencial teórico consistente, possibilitou a compreensão das repetições, rupturas e ressignificações nos vínculos afetivos, contribuindo de maneira significativa para os objetivos propostos por esta pesquisa.

5.3 Limitações da Pesquisa

Embora a presente pesquisa busque integrar contribuições da literatura e da psicologia para a compreensão das implicações da violência intrafamiliar nas relações afetivas, é necessário reconhecer os limites inerentes à abordagem adotada. A utilização de uma obra literária como objeto principal de análise apresenta uma riqueza simbólica e interpretativa significativa, mas não se equivale à observação empírica de sujeitos reais em contextos clínicos ou sociais. A subjetividade dos personagens e a natureza ficcional da narrativa limitam a possibilidade de generalização dos achados para situações concretas.

A análise interpretativa de personagens como Marianne e Connell permite reflexões relevantes sobre os efeitos de experiências traumáticas na formação da identidade e nos vínculos afetivos, mas não deve ser confundida com o diagnóstico psicológico ou a avaliação clínica. Como enfatiza Bardin (2015), a análise de conteúdo aplicada a materiais simbólicos deve ser compreendida como um processo de interpretação e construção de sentido, e não como uma descrição objetiva da realidade. Portanto, os resultados aqui apresentados devem ser entendidos dentro do escopo analítico-literário proposto.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à complexidade dos fatores sociais, culturais e históricos que influenciam as dinâmicas familiares e afetivas. Embora a obra *Normal People* retrate com sensibilidade as experiências emocionais de seus protagonistas, ela está inserida em um contexto sociocultural específico — a Irlanda contemporânea — o que pode limitar a extrapolação direta para outras realidades, como o contexto brasileiro. Segundo Miotto (1998), os vínculos familiares

são construções sociais situadas, marcadas por valores e normas que variam historicamente e culturalmente.

Além disso, a literatura é, por natureza, polissêmica e aberta a múltiplas interpretações. A análise realizada neste trabalho reflete uma leitura particular da obra, orientada por referenciais psicológicos e sociais específicos, como a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1976) e a teoria do apego (Bowlby, 2002). Outras abordagens teóricas poderiam levar a interpretações distintas sobre os comportamentos e motivações dos personagens, o que demonstra a inevitável subjetividade do pesquisador nesse tipo de estudo.

No que tange à relação entre literatura e psicologia, é importante destacar que, embora os personagens de ficção possam representar com verossimilhança traços de indivíduos reais, eles não vivenciam um processo de desenvolvimento contínuo e espontâneo, mas sim construído intencionalmente pela autora. Como observa Schoen-Ferreira *et al.* (2003), o desenvolvimento humano real é influenciado por uma multiplicidade de fatores interdependentes, que dificilmente podem ser plenamente reproduzidos em uma narrativa literária, mesmo que está se aproxime de realidades psicossociais concretas.

Cabe destacar ainda, que há uma limitação metodológica na própria escolha da técnica de análise. A análise de conteúdo, apesar de adequada para interpretar fenômenos simbólicos, apresenta limitações quanto à mensuração da intensidade dos traumas ou à avaliação das consequências práticas dessas experiências na vida dos sujeitos reais. O estudo não se propõe a validar empiricamente os efeitos da violência familiar em indivíduos reais, mas sim a refletir sobre tais efeitos a partir de uma representação ficcional densa e complexa (Bardin, 2015; Pereira *et al.*, 2022).

Por fim, é fundamental reconhecer que este estudo não pretende oferecer soluções clínicas ou modelos terapêuticos, mas contribuir para o debate interdisciplinar sobre os impactos da violência intrafamiliar na subjetividade humana. Ao lançar mão da literatura como recurso de investigação, a pesquisa valoriza a dimensão simbólica e narrativa da experiência, reconhecendo ao mesmo tempo seus limites em termos de aplicabilidade clínica e intervenção social direta. A articulação entre teoria, literatura e psicologia, portanto, deve ser vista como uma aproximação reflexiva e não como uma equivalência metodológica ou terapêutica.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 Reflexões sobre a Violência Intrafamiliar e suas marcas na vida adulta

A análise da personagem Marianne Sheridan, do romance *Normal People* de Rooney (2019), revela como experiências de violência intrafamiliar na infância e adolescência moldam significativamente os padrões afetivos na vida adulta. Marianne vivencia abusos físicos e psicológicos no núcleo familiar, principalmente por parte do irmão e pela omissão da mãe, o que a leva a internalizar um sentimento de desvalorização pessoal. Como afirmam Lima *et al.* (2023), a exposição a ambientes violentos compromete o desenvolvimento emocional e pode gerar padrões de relacionamento pautados na submissão e no sofrimento, como se observa nas escolhas afetivas posteriores da personagem.

Essa vivência está em consonância com a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1976), segundo a qual o comportamento humano é aprendido por meio da observação e imitação de modelos. A repetição dos padrões abusivos por Marianne em seus relacionamentos amorosos, como nos casos com Jamie e Lukas, demonstra a perpetuação da dinâmica vivida em sua família de origem. Conforme evidenciado por Melo-Dias e Silva (2019), essa aprendizagem vicária leva à reprodução de comportamentos internalizados como normais, mesmo que prejudiciais.

Além disso, a ausência de vínculos afetivos seguros durante a infância compromete a capacidade de Marianne de estabelecer relações saudáveis. A Teoria do Apego de Bowlby (2002) reforça que o desenvolvimento emocional está diretamente ligado às primeiras experiências de cuidado. A figura materna de Marianne é negligente e fria, o que contribui para a formação de um modelo interno de apego inseguro, refletido em sua busca por validação através da dor e da submissão. Becker e Crepaldi (2019) ressaltam que esse padrão influencia negativamente a forma como o indivíduo se posiciona nos relacionamentos afetivos adultos.

No romance, a trajetória da personagem também evidencia como o ciclo de violência pode se perpetuar de forma transgeracional. Segundo Narvaz e Koller (2006), indivíduos que testemunham ou sofrem violência na infância tendem a reproduzir essas práticas ou aceitá-las como normais, internalizando padrões disfuncionais como parte natural das relações humanas. Marianne, ao aceitar humilhações e práticas abusivas em seus relacionamentos amorosos, manifesta essa

naturalização do sofrimento. Ela se envolve com parceiros que reforçam sua posição de inferioridade, como Jamie e Lukas, evidenciando como as experiências do passado familiar continuam a ecoar em sua vida emocional adulta. A internalização do papel de subjugada, aprendido no ambiente familiar, torna-se um obstáculo à construção de vínculos baseados na reciprocidade e no afeto saudável.

Essa repetição de padrões ilustra o conceito de transmissão intergeracional da violência, em que práticas de abuso, negligência e dominação são perpetuadas ao longo das gerações. Como discutem Pereira *et al.* (2022), quando não há intervenção adequada ou elaboração dos traumas vividos, o sujeito tende a repetir os mesmos modelos relacionais disfuncionais, ainda que de forma inconsciente. Marianne, nesse sentido, demonstra dificuldade em reconhecer os limites entre afeto e dominação, o que a leva a aceitar relações marcadas pela humilhação como se fossem demonstrações legítimas de amor.

Por outro lado, a relação com Connell representa uma possibilidade de ressignificação desses padrões. Embora também marcada por dificuldades de comunicação e inseguranças, essa relação oferece momentos de apoio mútuo e acolhimento emocional. Como argumenta Henriques *et al.* (2022), a superação de traumas relacionados à violência depende da construção de vínculos seguros e significativos. No final do romance, Marianne reconhece o valor do afeto recebido de Connell, percebendo-se como alguém digno de cuidado, o que sinaliza um potencial de resiliência e de reconstrução subjetiva.

Dessa forma, Rooney (2019) ilustra com profundidade a complexa articulação entre violência intrafamiliar e formação de vínculos afetivos na vida adulta. A personagem Marianne encarna os efeitos duradouros do trauma psicológico, mas também aponta para caminhos possíveis de reconstrução e superação. Essa análise literária, aliada às teorias psicológicas, contribui para a compreensão do impacto das vivências familiares e da importância de intervenções que rompam os ciclos de abuso e promovam a saúde emocional do indivíduo.

6.2 Como *Normal People* representa relações afetivas marcadas pelo trauma

A obra de Rooney (2019), apresenta uma representação sensível e profunda das relações afetivas impactadas por traumas emocionais oriundos de vivências familiares adversas. Por meio da trajetória de Marianne Sheridan e Connell Waldron,

o romance revela como feridas emocionais não resolvidas moldam as dinâmicas amorosas e a forma como os indivíduos constroem vínculos. A narrativa permite ao leitor perceber que o amor, embora presente, nem sempre é suficiente para superar os obstáculos emocionais impostos por uma história marcada pela dor, rejeição ou negligência. Marianne, por exemplo, tende a se submeter a relações que reproduzem padrões de abuso aprendidos no seio familiar, o que evidencia a complexidade de se romper com experiências traumáticas internalizadas desde a infância.

Rooney (2019) explora essas questões com uma linguagem intimista e minimalista, que convida o leitor a mergulhar na subjetividade dos personagens. Ao evitar o uso tradicional de aspas nos diálogos e investir em uma narrativa introspectiva, a autora aproxima o público dos pensamentos não verbalizados de Marianne e Connell, tornando palpável o impacto psicológico das experiências traumáticas. Como apontado por Henriques *et al.* (2022), a internalização de traumas tende a se manifestar em comportamentos de evitação, insegurança e submissão emocional — aspectos que a obra representa com precisão. Nesse sentido, a literatura funciona não apenas como um reflexo da realidade psíquica, mas como um espaço de mediação simbólica que favorece a empatia e a compreensão de subjetividades em sofrimento.

Outrossim, Rooney (2019), ao abordar a relação entre os irmãos Marianne e Alan Sheridan, consegue representar de maneira eficaz as diferentes formas pelas quais um ambiente familiar violento pode impactar indivíduos de sexos opostos. Enquanto Marianne desenvolve uma postura mais submissa em suas relações adultas, Alan manifesta comportamentos agressivos, especialmente dirigidos à própria irmã. De acordo com estudos de Daffonseca, Priolo Filho e Williams (2016), bem como de Bezerra (2024), homens e mulheres passam por processos distintos de construção identitária, fortemente influenciados por estereótipos de gênero relacionados ao que se entende como feminino ou masculino. Quando esses processos ocorrem em contextos de violência doméstica, observa-se uma tendência à reprodução desses padrões nas gerações seguintes, ainda que em papéis diferentes.

A força da narrativa de *Normal People* reside, ainda, na capacidade de promover uma identificação do público com os dilemas vivenciados pelos protagonistas. Muitos leitores reconhecem em Marianne e Connell traços de suas próprias dificuldades em lidar com afeto, comunicação e autoestima. Conforme

discute Porto e Dupont (2016), vítimas de violência emocional frequentemente desenvolvem uma autoimagem fragilizada, que compromete a capacidade de estabelecer limites saudáveis em seus relacionamentos. Ao evidenciar esse tipo de dinâmica, a literatura atua como uma ferramenta educativa e terapêutica, permitindo que o leitor reflita sobre suas próprias experiências e sobre os ciclos de repetição emocional que pode estar vivendo.

Além disso, a obra proporciona uma importante discussão sobre a masculinidade e os impactos do trauma também entre os homens. A trajetória de Connell mostra como questões como ansiedade, depressão e dificuldade de expressão emocional afetam os vínculos afetivos masculinos. Criado por uma mãe presente, mas socialmente pressionado a manter uma imagem de força, Connell sofre em silêncio até atingir um ponto de colapso emocional. A literatura, ao tratar desses temas com naturalidade e profundidade, ajuda a romper estigmas sobre saúde mental masculina e favorece uma abordagem mais empática e humanizada do sofrimento psíquico entre homens jovens (Rooney, 2019).

Ademais, o romance revela que o trauma não é um fim estático, mas um ponto de partida para processos de amadurecimento e resignificação. À medida que os personagens desenvolvem maior autoconsciência e habilidade comunicativa, são capazes de reavaliar suas escolhas afetivas e buscar vínculos mais saudáveis. Essa possibilidade de reconstrução é reforçada no desfecho da obra, quando Marianne reconhece que, apesar de não poder apagar sua dor passada, foi transformada pelo afeto genuíno vivido com Connell. Tal representação literária aproxima-se do conceito de resiliência discutido por Henriques *et al.* (2022), que afirma que vínculos positivos podem ser fundamentais para interromper ciclos de autossabotagem e promover a reconstrução da identidade emocional de sujeitos marcados pelo trauma.

Portanto, *Normal People* configura-se como uma poderosa ferramenta de sensibilização e reflexão sobre os efeitos da violência emocional nas relações humanas. Ao trazer para o centro da narrativa afetos contraditórios, fragilidades psíquicas e dificuldades comunicacionais, a literatura não apenas representa a complexidade das emoções humanas, mas também oferece um espaço simbólico para o reconhecimento, a crítica e, sobretudo, a possibilidade de transformação das experiências afetivas marcadas pelo trauma. Dessa maneira, o romance de Rooney (2019) transcende a ficção e se insere como recurso relevante para a compreensão psicossocial da dor e da cura nas relações contemporâneas.

6.3 Caminhos possíveis para a superação e transformação

A narrativa de *Normal People*, ao mesmo tempo em que expõe os efeitos profundos da violência intrafamiliar na constituição da subjetividade, também aponta para caminhos de superação e transformação emocional. A trajetória de Marianne Sheridan é marcada por um percurso de dor e autonegação, mas ao longo da obra, a personagem começa a desenvolver uma consciência crítica sobre suas vivências e a buscar, ainda que lentamente, o rompimento com os padrões de submissão aprendidos no ambiente familiar. Essa mudança não ocorre de forma linear, mas é fruto de experiências afetivas que lhe proporcionam novos significados sobre si mesma e sobre o valor que tem como sujeito de direitos e afeto (Rooney, 2019).

O vínculo com Connell representa um elemento central nesse processo de transformação. Diferente de outras relações que Marianne estabelece ao longo da narrativa — frequentemente marcadas por dominação e abuso — a relação com Connell se configura como um espaço de acolhimento, escuta e reconhecimento mútuo. Ainda que repleta de conflitos e desencontros, essa relação apresenta momentos de autenticidade emocional que possibilitam o florescimento de uma identidade menos autodepreciativa. Conforme discutido por Henriques *et al.* (2022), vínculos afetivos baseados na empatia e no respeito têm papel crucial na reconstrução da autoestima e no fortalecimento da autonomia emocional de sujeitos que sofreram violência.

Essa transformação também está ancorada na ideia de resiliência, entendida como a capacidade de se reorganizar frente à adversidade e reconstruir trajetórias subjetivas a partir de experiências positivas. A literatura, ao retratar Marianne como alguém capaz de refletir sobre sua dor e buscar novos modos de estar no mundo, propõe ao leitor uma mensagem esperançosa: mesmo indivíduos marcados por histórias traumáticas podem desenvolver estratégias de enfrentamento e se abrir à possibilidade de relações mais saudáveis. Como apontam Porto e Dupont (2016), embora os impactos da violência intrafamiliar sejam profundos, eles não determinam de forma absoluta o destino emocional das vítimas.

No contexto do romance, a superação dos padrões nocivos passa pela conscientização dos próprios sentimentos e necessidades, bem como pela coragem de romper com ciclos de dor — algo que Marianne começa a construir ao se afastar de relações abusivas e ao reconhecer que merece ser tratada com respeito. Esse

movimento de autoconsciência e escolha é fundamental para romper com o modelo relacional aprendido em casa. Segundo Bandura (1976), a modificação de padrões comportamentais está atrelada à percepção de autoeficácia, ou seja, à crença de que é possível agir sobre a própria realidade e transformá-la. Marianne, ao ressignificar sua dor, inicia um processo de empoderamento emocional que é essencial para sua autonomia afetiva.

A mensagem do livro, portanto, não se limita à denúncia da violência ou à descrição das suas consequências emocionais. Rooney (2019) propõe uma reflexão profunda sobre como os afetos, mesmo quando feridos, podem ser restaurados através da experiência de vínculos genuínos. A relação entre Marianne e Connell, ainda que imperfeita, mostra como a escuta, a sensibilidade e o cuidado mútuo podem funcionar como instrumentos de cura. Conforme evidenciado por Bezerra (2024), a reconstrução de identidades afetivas passa pela desconstrução de papéis opressores de gênero e pela valorização de modelos relacionais pautados na equidade e no respeito à individualidade do outro.

Ao final do romance, Marianne já não se define mais pela dor que carrega, mas pela capacidade de amar e de ser amada sem violência. Essa virada subjetiva reforça o papel da literatura como ferramenta de sensibilização e transformação social, ao permitir que leitores se reconheçam nos personagens e reflitam sobre suas próprias experiências. Como destaca Machado *et al.* (2014), ao abordar temas como a violência intrafamiliar e suas consequências, a literatura não apenas representa a realidade, mas também inspira mudanças, encorajando a ruptura com padrões opressores e a construção de novas formas de se relacionar consigo mesmo e com o outro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática central que norteou esta investigação consistiu em responder à seguinte questão: Quais as implicações das vivências de violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta, à luz da trajetória da personagem Marianne Sheridan em *Normal People*? O objetivo geral foi compreender as implicações das vivências de violência intrafamiliar nas relações afetivas da vida adulta, à luz da trajetória da personagem Marianne Sheridan em *Normal People*, e os objetivos específicos envolveram: (a) apresentar a violência intrafamiliar, sua definição e conceitos; (b) explorar a representação da violência intrafamiliar na obra *Normal People*; e (c) discutir as relações afetivas de Marianne na vida adulta a partir das violências vividas na infância e adolescência.

No desenvolvimento desta pesquisa, os capítulos foram estruturados de modo a dar suporte teórico e analítico à problemática proposta. O segundo capítulo abordou a conceituação da violência intrafamiliar e suas consequências psicológicas, destacando como a experiência traumática no contexto familiar pode comprometer a formação da identidade e influenciar as relações afetivas na vida adulta. O terceiro capítulo apresentou e analisou a obra *Normal People* e o perfil psicológico de seus protagonistas, especialmente Marianne, cuja trajetória ilustra de forma exemplar os efeitos duradouros da violência intrafamiliar. O quarto capítulo aprofundou a discussão sobre os aspectos psicológicos das relações afetivas na vida adulta, com base na Teoria do Apego de Bowlby (2002) e nas contribuições contemporâneas sobre padrões relacionais e resiliência.

Os objetivos traçados foram plenamente atingidos, permitindo uma compreensão consistente e fundamentada sobre como experiências de violência intrafamiliar moldam comportamentos afetivos na vida adulta. A análise da personagem Marianne evidenciou que vivências de negligência, abuso emocional e físico no seio familiar resultaram em padrões de autodepreciação, submissão e dificuldade na construção de vínculos afetivos saudáveis. Além disso, constatou-se que, embora tais experiências sejam profundamente marcantes, há possibilidades de superação por meio de vínculos afetivos baseados em acolhimento e respeito mútuo, como a relação estabelecida entre Marianne e Connell ao longo da narrativa.

As hipóteses inicialmente delineadas foram corroboradas ao longo desta pesquisa, evidenciando que a vivência de violência intrafamiliar compromete de

maneira significativa a constituição da identidade, conduzindo à reprodução de padrões relacionais disfuncionais na vida adulta, conforme observado na trajetória de Marianne Sheridan. Conforme apontam os estudos de Lima *et al.* (2023) e Pereira *et al.* (2022), ambientes familiares violentos na infância impactam de maneira negativa o desenvolvimento emocional e comportamental dos indivíduos, predispondo-os a reproduzir padrões relacionais disfuncionais, como foi possível observar na trajetória de Marianne. Ainda assim, a pesquisa ressaltou a importância dos vínculos afetivos seguros como possibilidade de ressignificação das experiências traumáticas e construção de relações saudáveis.

Entre as limitações desta pesquisa, destaca-se o fato de ter sido realizada com base na análise de uma obra literária, o que, embora possibilite uma rica interpretação simbólica e psicológica, não permite generalizações para contextos empíricos reais. Além disso, o foco exclusivo na personagem Marianne restringe a compreensão da multiplicidade das experiências de violência intrafamiliar, que podem variar de acordo com fatores culturais, sociais e individuais. A ausência de dados empíricos ou entrevistas impossibilitou a validação prática das reflexões teóricas aqui desenvolvidas, configurando-se como uma importante limitação a ser superada em estudos futuros.

Dessa forma, recomenda-se que pesquisas posteriores ampliem a abordagem desta temática, promovendo estudos empíricos que contemplem a escuta de sujeitos que vivenciaram a violência intrafamiliar, a fim de aprofundar o conhecimento sobre os impactos psicológicos e afetivos dessa experiência. Além disso, seria pertinente desenvolver análises comparativas com outras produções literárias ou cinematográficas que abordem a violência intrafamiliar, bem como investigar práticas clínicas e estratégias de intervenção que favoreçam processos de resiliência e rompimento dos ciclos de violência, conforme apontam Henriques *et al.* (2022) e Tinoco *et al.* (2024).

De forma concisa, este trabalho evidenciou que a violência intrafamiliar é um fenômeno que ultrapassa o ambiente doméstico, reverberando de forma significativa na constituição da identidade e na qualidade das relações afetivas na vida adulta. A análise da obra *Normal People* possibilitou compreender como tais experiências podem comprometer o desenvolvimento emocional, mas também ressaltou as potencialidades de superação e transformação mediante vínculos afetivos saudáveis. Assim, espera-se que este estudo possa contribuir para o avanço das discussões

acadêmicas e para a formação de profissionais da Psicologia mais preparados para identificar e intervir nos efeitos da violência intrafamiliar, promovendo relações afetivas mais saudáveis e emancipatórias.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Claudia Almeida; BERNARDELLI, Estela Maris Camargo. A RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO FAMILIAR E O TRANSTORNO DE ANSIEDADE EM CRIANÇAS. **Di@Logus**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 3-19, 13 dez. 2023. Fundacao Universidade de Cruz Alta. <http://dx.doi.org/10.33053/dialogus.v12i3.1015>.

BANDURA, Albert. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976. 256 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. [S.l.]: Edições 70, 2015. 288 p.

BECKER, Ana Paula Sesti; CREPALDI, Maria Aparecida. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: uma revisão da literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 238-260, 4 jun. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2019.43016>.

BECKER, Ana Paula Sesti; VIEIRA, Mauro Luís; CREPALDI, Maria Aparecida. Apego e parentalidade sob o enfoque transcultural: uma revisão da literatura. **Psicogente**, [S.L.], v. 22, n. 42, p. 1-25, 11 jul. 2019. Universidad Simon Bolivar. <http://dx.doi.org/10.17081/psico.22.42.3507>.

BEZERRA, Cristiane Vieira da Luz. Gênero e violência na adolescência. **Observatório de La Economía Latinoamericana**, [S.L.], v. 22, n. 7, p. 1-13, 3 jul. 2024. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.55905/oelv22n7-047>.

BOWLBY, John. **Apego e Perda: Apego - A Natureza do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins, 2002. 496 p.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 08/03/2025.

D'AFFONSECA, Sabrina Mazo; PRIOLO FILHO, Sidnei Rinaldo; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA COM FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: relato de atividade de extensão. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 43-49, 27 jul. 2016. Even3. <http://dx.doi.org/10.36661/2358-0399.2016v7i1.3062>.

GARBARINO, Mariana Inés. Queixa escolar e gênero: a (des)construção de estereótipos na educação. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, n. 5, p. 1-21, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260011>.

HENRIQUES, Catarina Gordiano Paes *et al.* Violência emocional intrafamiliar contra crianças e adolescentes e suas repercussões. **Psico**, [S.L.], v. 53, n. 1, p. 1-12, 7 nov. 2022. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.39085>.

LIMA, Carla Cristina Oliveira de Jesus *et al.* Associação entre a violência intrafamiliar experienciada e transtorno mental comum em adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.L.], v. 36, n. 8, p. 1-7, nov. 2023. Acta Paulista de Enfermagem. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2023ao02391>.

MACHADO, Juliana Costa *et al.* Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de Saúde da Família. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 828-840, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902014-000300008>.

MARTINS, Karina Oliveira; LACERDA JUNIOR, Fernando. A Contribuição de MartínBaró para o Estudo da Violência: uma apresentação. **Psicologia Política**, Goiânia, v. 14, n. 31, p. 569-589, dez. 2014.

MELO-DIAS, Carlos; SILVA, Carlos. BANDURA SOCIAL LEARNING THEORY ON CONVERSATIONAL SKILLS TRAINING. **Psicologia, Saúde & Doença**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 101-111, 31 mar. 2019. Sociedad Portuguesa de Psicologia da Saude. <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200108>.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Família e Sociedade**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 20-26, jan. 1998.

MOREIRA, Maria Ignez Costa; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 28, p. 13-25, dez. 2012.

MOREIRA, Virginia. Grupo de encontro com mulheres vítimas de violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 61-77, jun. 1999. Tikinet Edicao Ltda. - EPP. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x1999000100005>.

MURTA, Sheila Giardini *et al.* Avaliação de um programa psicoeducativo de transição para a parentalidade. **Paidéia** (Ribeirão Preto), [S.L.], v. 22, n. 53, p. 403-412, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2012000300012>.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas. **Psico**, [S.L.], v. 37, n. 1, p. 7-13, abr. 2006.

OLIVEIRA, de Dennis. A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder. **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 39 – 57, jan./jun. 2018.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/pt/what-are-human-rights>. Acesso em: 08/03/2025.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César *et al.* Gênero e Identidade: Possibilidades e Contribuições para uma Cultura de Não Violência e Equidade. **Psicologia &**

Sociedade, São Paulo, v. 29, n. 5, p. 1 - 10, 2017. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i72013>.

PEREIRA, Paula dos Santos *et al.* A intergeracionalidade da violência na vida de mulheres agredidas por seus parceiros íntimos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.L.], v. 15, n. 7, p. 1-9, 6 jul. 2022. Revista Eletronica Acervo Saude. <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e10091.2022>.

PINEDA, Ana Laura Paredes. VIOLENCIA INTRAFAMILIAR. **Huella de La Palabra**, [S.L.], v. 16, n. 16, p. 30-41, 31 dez. 2022. Universidad la Salle Pachuca. <http://dx.doi.org/10.37646/huella.v16i16.565>.

PORTO, Rosane Teresinha Carvalho; DUPONT, Fabiano Rodrigo. A participação da criança desde a primeira infância nas ações que visem enfrentar a violência intrafamiliar e suas consequências como uma estratégia fundamental para a construção de uma política efetiva. **Barbarói**, [S.L.], v. 50, n. 47, p. 179-192, 10 maio 2016. APESC - Associacao Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i47.9563>.

RIBAS, Adriana F. Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl de. Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 315-322, dez. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722004000300004>.

RÍO, María Amor Barros-Del. Sally Rooney's Normal People: the millennial novel of formation in recessionary ireland. **Irish Studies Review**, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 176-192, 3 abr. 2022. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09670882.2022.2080036>.

ROONEY, Sally. **Pessoas Normais**. Dublin: Companhia das Letras, 2019. 264 p.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena *et al.* A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 107-115, abr. 2003. Tikinet Edicao Ltda. - EPP. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2003000100012>.

SERPA, Monise Gomes. Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 14-22, abr. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822010000100003>.

SILVA, Melanie Laura Mariano da Penha; COSTA, Maria Aparecida Tenório Salvador da. Discussões de gênero e feminilidades na escola contemporânea. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 55-72, 28 maio 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2018v15n2p55>.

TINOCO, Raphael Soares *et al.* Mulheres, educação e gênero: desafios históricos e contemporâneos. **Contribuciones A Las Ciencias Sociales**, [S.L.], v. 17, n. 13, p. 1-15, 4 dez. 2024. Brazilian Journals. <http://dx.doi.org/10.55905/revconv.17n.13-060>.